

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A IDENTIDADE CULTURAL DA GERAÇÃO
1.5 DOS IMIGRANTES CHINESES EM
LISBOA**

DANHUI LI

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Everton V. Machado,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/LÍNGUA SEGUNDA

2019

Índice

<u>Agradecimentos</u>	2
<u>Resumo</u>	3
<u>Abstract</u>	4
<u>Introdução</u>	5
<u>Capítulo I – Enquadramento Teórico</u>	8
1.1 Revisão da Literatura	8
1.2 A Teoria	13
1.2.1 A Geração 1.5 dos Imigrantes	13
1.2.2 Identidade Cultural	15
1.3 A Comunidade Chinesa em Portugal	20
<u>Capítulo II – Pesquisa de Campo sobre a Geração 1.5 dos Imigrantes Chineses em Lisboa</u>	25
2.1 Metodologia de Investigação e Descrição de Amostras	25
2.2 Apresentação dos Resultados do Questionário	27
<u>Capítulo III – Discussão</u>	44
3.1 Identidade Cultural Predominantemente Chinesa	44
3.2 Identidade Cultural Predominantemente Portuguesa	49
3.3 A Crise de Identidade Cultural	54
<u>Conclusão</u>	61
<u>Bibliografia</u>	64
<u>Anexo I - Questionário de Identidade Cultural da Geração 1.5 dos Imigrantes Chineses</u>	73
<u>Anexo II - Entrevista a Aixi Ji</u>	83

Agradecimentos

Esta dissertação de mestrado é o resultado de muitas horas de trabalho e é importante exprimir os meus sinceros agradecimentos às pessoas que me ajudaram.

Aos meus pais, por todo o amor, confiança e apoio precioso, em todos os momentos da minha vida.

A todos os meus professores da Universidade de Lisboa, pelos conhecimentos que me deram e também pelo apoio e atenção prestados durante os meus estudos de mestrado na Universidade de Lisboa:

Ao meu orientador, o Prof. Doutor Everton V. Machado, pela sua orientação e apoio a este trabalho intenso. Agradeço-lhe todas as suas sugestões e indicações, que foram essenciais para a produção escrita.

Aos meus queridos amigos Suzi Contessa, Jiajia Yang e Geo Oliveira, pela amizade, tempo e auxílio. Muito obrigada por terem aperfeiçoado a linguagem da minha dissertação.

A todos os participantes chineses e portugueses dos questionários, pelas suas opiniões e conversas que me inspiraram e contribuíram bastante para o desenvolvimento deste estudo.

Em especial ao meu namorado, Dong, pelo seu carinho e a confiança que sempre demonstrou, pelos seus conselhos e encorajamento constante durante o processo de escrita desta dissertação e por tudo o resto não dito.

Resumo

A emigração chinesa trata-se de um fenómeno mundial e existem muitos estudos focados na identidade cultural e dos emigrantes chineses ultramarinos. Portugal conta com mais de 20 mil imigrantes chineses, mas não se encontram muitos estudos sobre esse tema, especialmente sobre a geração 1.5 desse grupo. A presente dissertação procura abordar as características da identidade cultural e da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Lisboa e as possíveis causas.

Para esse efeito, foi realizado um questionário a 43 participantes, de modo a recolher dados concretos sobre a situação atual da geração 1.5 desses imigrantes. Os resultados apontam que a maioria dos entrevistados assume culturalmente a identidade chinesa, em menor número estão aqueles que assumem culturalmente a identidade portuguesa e alguns deles sofrem de uma crise de identidade cultural.

Este trabalho académico visa preencher uma lacuna nos estudos relevantes e contribui para um melhor entendimento da identidade cultural da geração 1.5 dos jovens imigrantes chineses em Portugal.

Palavras-chave: identidade cultural, imigrantes chineses da geração 1.5, aculturação, crise de identidade cultural.

Abstract

Chinese emigration is a worldwide phenomenon and there are many studies focused on the cultural identity and overseas Chinese emigrants. Portugal has more than 20 thousand Chinese immigrants, but few studies on this subject are available, let alone the 1.5 generation in this group. The present dissertation tries to address the characteristics of cultural identity and the 1.5 generation of Chinese immigrants in Lisbon and the possible causes.

To this end, a questionnaire was made to the 43 participants in order to collect concrete data on the current situation of the 1.5 generation of those immigrants. The results indicate that the majority of interviewees culturally assume the Chinese identity, the smallest number of them culturally assume the Portuguese identity and some of them suffer from a crisis of cultural identity. The paper aims to fill a gap in the relevant studies and contributes to a better understanding of the cultural identity of the 1.5 generation of young Chinese immigrants in Portugal.

Key-words: cultural identity, chinese immigrants of the 1.5 generation, acculturation, cultural identity crisis.

Introdução

Sou uma chinesa que vive e nasceu na China. Antes de vir para Portugal, não tinha noção da existência de chineses de outro tipo além daqueles que nascem e vivem na China, nem imaginava que existisse um “estrangeiro” com a mesma estrutura física que a minha.

Todavia, ao longo de quatro anos a viver em Lisboa e a interagir com os portugueses e a comunidade chinesa, passei a perceber a complexidade da identidade dos imigrantes, especialmente aqueles que vieram quando eram crianças ou adolescentes, os quais estão na etapa de formação dos valores e da construção de identidade, em que podem sofrer uma crise da mesma. Aliás, ao saírem de um país a que já estavam habituados e chegarem a um novo onde enfrentam barreiras linguísticas e diferenças culturais, podem adaptar-se mal a essa nova cultura e encontrar problemas no processo de redefinir a própria.

As suas identidades culturais podem apresentar características diferentes devido às diferenças na sua experiência individual e na sua atitude perante as culturas. Tudo isto me interessa especialmente, sendo esta a razão pela qual busquei fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tema.

Tentei procurar os materiais mais relevantes, mas, até agora, a maioria dos estudos sobre a identidade cultural dos imigrantes chineses é realizada no Ocidente em geral ou nos EUA – a discussão sobre as crianças e jovens imigrantes, a chamada “a geração 1.5 dos imigrantes” foca-se maioritariamente nos imigrantes asiáticos e latino-americanos no continente americano. De modo geral, a investigação sobre os imigrantes chineses em Portugal no que respeita a essa área é escassa, já para não falar daqueles que vieram em adolescentes. Todavia, com o crescimento do número de chineses no território português, a população de jovens chineses imigrantes também está a aumentar e a sua identidade cultural merece estudos mais aprofundados, sendo este o propósito desta dissertação de mestrado.

Considerando as características distintas dos jovens chineses e a diferença entre Portugal e outros países, a geração 1.5 dos imigrantes chineses em Portugal poderia apresentar características diferentes. Neste contexto, surgiu-me a ideia de analisar a situação da identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Portugal. Como a maioria vive na capital, selecionei a cidade de Lisboa como o meu alvo de estudo.

O presente trabalho irá abordar as características da identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses e as possíveis razões. No processo de preparação, consultei materiais importantes, entre os quais a visão de Stuart Hall sobre a identidade cultural, de Erik Erikson sobre a crise de identidade dos adolescentes, de Thomas Magnell sobre “*surface culture*” e “*deep culture*” e o modelo bidimensional de aculturação de John Berry, compondo a base teórica do presente trabalho.

Tendo como referência os questionários de estudos semelhantes anteriores, elaborei um questionário, que distribuí aos participantes para estes responderem. É com estes dados que começou a minha pesquisa.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é composto por três subcapítulos. No primeiro subcapítulo “Revisão da Literatura”, são citados estudos relevantes sobre a identidade cultural dos imigrantes chineses em alguns países, como Portugal, Brasil e EUA. No segundo subcapítulo “A Teoria”, é apresentado o termo “geração 1.5” e teorias de “identidade cultural”. No terceiro subcapítulo “A Comunidade Chinesa em Portugal”, será exposta brevemente a história do processo migratório dos imigrantes chineses para Portugal e o panorama da comunidade chinesa em território lusitano. No segundo capítulo, é apresentada a metodologia de pesquisa: a abordagem quantitativa, e mostram-se os resultados do questionário. No terceiro capítulo, serão abordadas as características da identidade cultural dos imigrantes chineses da geração 1.5 e as possíveis causas.

O trabalho visa preencher uma lacuna acerca dos imigrantes chineses em Portugal,

sobretudo a geração 1.5 dos imigrantes chineses, e servir como referência para estudos posteriores.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1.1 Revisão da Literatura

O presente subcapítulo apresentará estudos relevantes sobre a identidade cultural dos imigrantes chineses, com atenção, sobretudo, aos que referem a geração 1.5. Na minha opinião, a aculturação é o processo de identidade cultural e a identidade cultural é um resultado provisório de aculturação, portanto, serão também apresentados estudos que a levem em consideração.

Com o aumento de chineses em Portugal, questões sobre a comunidade chinesa vêm chamando a atenção dos investigadores. Nos anos recentes, há cada vez mais estudos que investigam a diáspora chinesa em Portugal. A área de investigação concentra-se principalmente na aprendizagem de português, na identidade e na integração, nas atividades económicas e também sobre como a sociedade portuguesa vê a imigração chinesa. Apresentarei de seguida alguns estudos sobre a identidade cultural da imigração chinesa, sobretudo o que já se falou sobre a geração 1.5.

Em 2010, Ana Matias analisou as imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Entrevistou quatro dezenas de pessoas aleatoriamente escolhidas em Lisboa e fez a sua investigação a partir dessas entrevistas. Os resultados apontam que os entrevistados têm várias opiniões sobre a vertente cultural, económica e social da comunidade, quer positivas quer negativas. De modo geral, a autora acha que os entrevistados mostraram uma aparente neutralidade (Matias 2010, 138). A meu ver, esta análise contribui para conhecer as opiniões e atitudes dos portugueses sobre os chineses. A partir disso, podemos ter uma ideia sobre o mundo à volta dos imigrantes, a amizade ou os preconceitos que eles recebem da sociedade portuguesa, o que pode ajudar a explicar as causas de certa identidade cultural e as escolhas das estratégias de aculturação. Matias ainda fez uma apresentação detalhada sobre o contexto histórico-cultural, os valores socioculturais da China, uma excelente contribuição para entender as diferenças na cultura portuguesa e na chinesa, possibilitando uma melhor compreensão de alguns comportamentos dos imigrantes chineses. Na perspetiva dela, a

identidade da comunidade chinesa “apesar de ser tão vasta, dispersa e intercontinental, em paralelo à estrutura cultural, à multiplicidade e à complexidade do conceito de identidade chinês, poderia ser de fácil apreensão” (*ibid.*, 110).

Mais tarde em 2012, Patrícia Caldeira analisou os imigrantes chineses e indianos em Portugal, enfocando o impacto da aprendizagem do português na construção da identidade e no processo de integração. Segundo a autora, a atitude positiva dos portugueses perante os imigrantes facilita a integração destes e que os chineses têm vontade de aprender português para atender às necessidades do quotidiano. A investigação refere que um bom conhecimento da língua portuguesa é fundamental para uma boa integração (Caldeira 2012, 117). De acordo com esta investigadora, os entrevistados assumiram que a sua identidade

[é] constituída por múltiplas pertenças seja traços físicos, crenças, atitudes, línguas, relações, gostos e são todas estas pertenças e experiências que o enriquece e leva toda a sua diversidade, onde pode mostrar história, cultura e afirmar a identidade. A integração não significa uma perda de identidade, mas para mostrar o respeito e aceitação de uma outra maneira de vida da pessoa, é uma troca de culturas e não a supressão de uma e outra. (Caldeira 2012, 117)

As duas autoras argumentam que a identidade cultural dos chineses é algo complexo e múltiplo. Quanto à pesquisa relacionada com a imigração chinesa da geração 1.5 em Portugal, existem poucos estudos científicos, e é sempre incluída nos estudos sobre a segunda geração. Segundo Ding Ning, esta geração “está entre o mundo ‘antigo’ e mundo ‘moderno’, mas que [tais chineses] não pertencem inteiramente a nenhum dos dois mundos” (Ning 2012, 52). No entanto, “devido à diferença proeminente entre estes e os imigrantes de primeira geração em domínios como a língua, cultura e integração” (*ibid.*, 52), a autora defende que a geração 1.5 está mais integrada “no mundo ‘moderno’ do que mundo ‘antigo’” (*ibid.*, 52), razão pela qual esta é sempre incluída na segunda geração de imigrantes pelos investigadores. Por esse mesmo motivo, ela classifica a geração 1.5 na segunda geração quando faz esta análise.

A pesquisa empírica de Ning refere-se à identidade cultural da segunda geração dos chineses a residir em Portugal, na qual acha que “a identificação de segunda geração sobre

sua identidade cultural não é dúbia” (*ibid.*, 66). Quando perguntados sobre a identidade, “a maioria dos entrevistados afirmou ser chinês por simples razões de raça, língua, valores culturais, práticas sociais e formas de pensar” (*ibid.*, 66). Todavia, vivendo na sociedade acolhedora por muito tempo, é inevitável serem influenciados pela cultura portuguesa e apresentarem algumas diferenças no pensamento em relação à primeira geração. Mais tarde, Zhang Fengyang também analisa a identidade cultural dos filhos da primeira geração dos imigrantes chineses em Portugal, e concorda com Ning que a geração 1.5 dos imigrantes “não sente um ‘*belonging*’, uma pertença total, a nenhum dos dois mundos” (Fengyang 2016, 56). Foca-se mais na segunda geração e descobre que “a maioria dos imigrantes de segunda geração mantém um pensamento tradicional chinês, apesar de estarem integrados no sistema educativo ocidental” (*ibid.*, 56-57). Segundo a autora, “a maioria dos pais é muito rigorosa, controla cuidadosamente os seus filhos e insiste em educar os seus filhos de uma forma tradicional, apesar de se encontrarem num ambiente europeu” (*ibid.*, 56), o qual tem grande impacto na identidade cultural dos filhos. Aliás, o trabalho aponta que a “dupla face é a principal característica da identidade cultural da segunda geração” (*ibid.*, 57). Quando estão na comunidade chinesa, agem de maneira chinesa. Mas, quando lidam com os locais, “abandonam a sua identidade chinesa e submetem-se à identidade portuguesa” (*ibid.*, 57) para se integrar na sociedade. Ela propõe que a comunidade chinesa pode ajudá-los a relevar os valores e a integrar-se na sociedade. Ambos os trabalhos revelam que a maioria da segunda geração se identifica com a cultura chinesa, pois a cultura chinesa tem uma grande influência no processo de crescimento através da educação dos seus pais. Entretanto, nas pesquisas de ambas as autoras, a questão da identidade cultural dos imigrantes da geração 1.5 não é analisada como foco principal. Em resultado disso, não há uma investigação especificamente para esse tema.

Mais tarde, Yijing Yu (2015, 88) aborda também a imigração chinesa em Portugal e a sua integração cultural na sociedade de acolhimento. Depois de ter analisado especificamente a imigração chinesa em Portugal, o processo migratório e a tipologia dos imigrantes, a autora faz dois questionários dirigidos aos entrevistados chineses e portugueses respetivamente. Yu descobre que embora sejam bem aceitados pela sociedade portuguesa, os chineses estão mal

integrados pela falta de comunicação linguística e as diferenças culturais (*ibid.*, 96). Igual aos resultados da pesquisa de Matias, Yu descobre que “os valores tradicionais chineses têm um grande impacto nas ações dos imigrantes chineses” (*ibid.*, 4). No entanto, o trabalho enfoca mais na apresentação da imigração chinesa e na integração linguística deles, e tem pouca análise na integração cultural da comunidade.

Tânia Santos (2011) analisa os fatores de risco, os fatores protetores no processo adaptativo e a rede social dos imigrantes chineses em Portugal do ponto de vista psicológico. O estudo revela que a comunidade chinesa é coesa e que tem um espírito de interajuda, assumindo um papel importante na aculturação do imigrante na sociedade (Santos 2011, 46). Os entrevistados consideram “a aprendizagem da língua portuguesa, o afastamento da família e amigos na China e as diferenças culturais” as maiores dificuldades, mas gostam da simpatia dos portugueses, do clima agradável e da gastronomia portuguesa (*ibid.*, 45). Revela também que a rede social dos imigrantes é composta principalmente por familiares, amigos e colegas chineses (*ibid.*, 45-46).

Devido à escassez de estudos sobre este tema, tentei procurar outros trabalhos sobre a geração 1.5 de imigrantes asiáticos em outros países que não Portugal. Entre eles, Eun Mi Yang (2011) investigou como os imigrantes coreanos da geração 1.5 lida com o duplo pertencimento cultural coreano e brasileiro. Para isso, tomou como centro de análise 26 entrevistados da geração 1.5, os quais imigraram para o Brasil entre 1960 e 1990. Segundo Yang, a “ambiguidade” marcou a identidade da geração 1.5 dos imigrantes coreanos. No entanto, estes transitam entre identidades diferentes de acordo com as circunstâncias, ao invés de serem definidos de acordo com a classificação de identidade nacional (Yang 2011, 118-125). Uma vez que os chineses e os coreanos são da esfera cultural da Ásia Oriental, e o Brasil e Portugal têm a mesma língua e uma cultura semelhante, o resultado pode fornecer alguma inspiração e referência para o meu trabalho.

Hana Kang (2004) procura pesquisar a relação entre a manutenção da língua de herança e a aculturação e identidade dos imigrantes chineses da geração 1.5 na Nova Jérquia. A autora faz uma pesquisa quantitativa, na qual oito estudantes chineses vindos de lugares

diferentes do país participam. Os resultados apontam que não há relação entre o estilo de vida e a identidade dos imigrantes chineses da geração 1.5, e que a manutenção da língua de herança não está relacionada com os resultados de aculturação e a identidade (Kang 2004, 62). Na perspetiva da autora, isso pode ser devido à questão de identidade subétnica dos participantes. Reflete ainda que a geração 1.5 difere da primeira e da segunda geração na percepção da identidade bem como na proficiência da língua de herança. Segundo a autora, a geração 1.5 não idealiza tanto a identidade e a língua chinesa como a segunda geração, pois mantêm a identidade e a língua étnica principalmente para benefícios económicos (*ibid.*,62). Portanto, a autora sugere a necessidade de separar a classificação dos imigrantes de geração 1.5 da primeira e segunda geração. Todavia, a análise focaliza mais na identidade étnica do que na identidade cultural. Além disso, o tamanho da amostra é bem reduzido, resultando em que a pesquisa não seja tão representativa.

De acordo com Laura de Pretto (2014), que estudou a identidade cultural, a aderência aos valores asiáticos e a possibilidade de manter o pertencimento a ambas as culturas dos Wenzhoueses¹ em Itália, estar em contacto com uma nova cultura não levaria um grupo de migrantes a perder ou a modificar rapidamente os seus valores, pelo contrário, a comparação com os locais (o grupo externo) levá-los-ia a reconhecer mais claramente a sua identidade cultural e deste modo sentem-se mais próximos ao seu país de origem (Pretto 2014, 104-112).

A presente secção é uma breve revisão sobre os estudos relacionados com a identidade cultural da geração 1.5. É pena que existam poucos estudos sobre este tema, e alguns deles estão incluídos nas pesquisas sobre a segunda geração. Existem dois pontos de vista sobre isso: uma visão sustenta que a maioria dos imigrantes chineses da geração 1.5 tendem a ter uma identidade cultural predominantemente chinesa, o qual pode ser influenciado muito pelos pais e pelo mundo que viviam antes da imigração. No entanto, outra visão defende que a identidade cultural da geração 1.5 é uma mistura, a qual é constituída por múltiplas pertenças e experiências e não pode ser definida simplesmente como “chinesa” ou “portuguesa”.

¹ Wenzhou fica no sudeste da província Zhejiang, é conhecida como uma cidade de emigração. A população total é de aproximadamente 10 milhões, entre as quais quinhentas mil pessoas emigraram para outros países. Em Portugal, 60% de imigrantes chineses são de Wenzhou.

Para terminar, no presente subcapítulo foram apresentados estudos anteriores sobre a imigração chinesa em Portugal, seguido por estudos sobre a identidade cultural dos imigrantes da geração 1.5. No entanto, a identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Portugal é pouco abordada e sempre classificada na segunda geração, por isso, mencionei também outros estudos relevantes a esse tema.

1.2 A Teoria

1.2.1 A Geração 1.5 dos Imigrantes

A migração, segundo François Dubet, é “o movimento dos povos de um lugar para outro” (Outhwaite e Bottomore 1996, 466), os quais “são um fenómeno extremamente antigo. Invasões, conquistas, êxodos, mudanças sazonais e estabelecimentos definitivos em outros territórios e em diferentes sociedades pontuam a história humana” (*ibid.*). E “a sociologia das migrações dedica-se essencialmente à imigração, ao processo de integração e assimilação de uma comunidade estrangeira na sociedade que a recebe” (*ibid.*).

Geralmente, os imigrantes podem ser analisados de perspetivas diferentes. Nos 27 países da União Europeia, os imigrantes podem ser classificados em estudantes, trabalhadores, reformados e refugiados, conforme o tipo de imigrantes (Rosa & Chitas 2016, 16). Podem ser classificados de acordo com a idade em que vão para o país de acolhimento. De modo amplo, a primeira geração de imigrantes refere-se àqueles que deixam o país de origem para se estabelecer noutro país, enquanto a segunda geração é descendente da primeira geração, os quais nascem e crescem no país de chegada. Todavia, existe uma ambiguidade sobre a faixa etária em que ocorre a imigração. Segundo a Eurostat (2017)², a primeira geração trata-se de todos os que são “*foreign-born population*” e a segunda geração trata-se de “*native-born population with at least one foreign-born parent*” (Eurostat, 2017). No entanto, em alguns estudos, limitam a idade de chegada ao país de recebimento: por exemplo, quando analisam a questão de aculturação, identidade e

² O Eurostat (Gabinete Europeu de Estatística) é o Serviço de Estatística da União Europeia responsável pela publicação de estatísticas e indicadores de elevada qualidade a nível europeu que permite a comparação entre países e regiões. *Vide website* da Comissão Europeia, https://ec.europa.eu/info/departments/eurostat-european-statistics_pt#latest.

adaptação, Berry e os seus colegas consideram “*those who were born in country of origin and arrived after the age of 6*” a primeira geração, e aqueles que “*born in receiving country, or arrived before the age of 7*” a segunda geração (Berry et al. 2006, 307). E nos EUA, “a primeira geração” é normalmente usada para referir aqueles imigrantes adultos nascidos e que socializaram noutro país antes de imigrar para os EUA (Rumbaut 2004, 1165).

O termo “*1.5 generation*” é criado nos anos recentes pelo sociólogo Rubén Rumbaut nos estudos sobre os cubano-americanos para se referir àqueles que foram para os EUA depois da idade escolar, mas antes da puberdade (*ibid.*, 1166-1167), pois acha que

differences in [...] ages and life stage at arrival, which are criteria used to distinguish between generational cohorts, are known to affect significantly the modes of acculturation of adults and children in immigrant families, especially with regard to [...] language and accent and ethnic identity. (*ibid.*, 1164)

Portanto, o autor classifica mais especificamente os imigrantes conforme a idade de chegada ao país de acolhimento. De acordo com a escala, os que chegam entre os seis e os doze anos são os verdadeiros 1.5; os que chegam antes dos seis são os “1.75”, mais próximos à segunda geração, com pouca ou nenhuma memória em relação ao país de origem; jovens mais velhos que chegam entre os treze e os dezassete seriam os “1.25”, mais próximos à primeira geração (*ibid.*, 1168).

Entretanto, nos trabalhos referidos anteriormente sobre a geração 1.5 dos imigrantes chineses em Portugal (*vide* o subcapítulo 1.1), o grupo da “geração 1.5” não foi muito abordado nem foi definido de forma exata e clara.

E, na minha opinião, “1.5” exprime uma ideia de “estar entre a primeira e a segunda geração”. Portanto, baseando-se nas definições referidas em cima, pretendo classificar os imigrantes da seguinte forma:

1) A primeira geração de imigrantes chineses trata-se daqueles que chegam depois dos 18 anos, como adultos. De modo geral, já terminaram os seus estudos e já adquiriram uma visão do mundo relativamente completa;

2) A segunda geração de imigrantes chineses refere-se aos filhos da primeira geração, os quais nascem e crescem em Portugal. Estes são inseridos na sociedade portuguesa desde pequenos e são afetados, em grande parte, pela cultura portuguesa;

3) A geração 1.5 refere-se aos imigrantes que nascem na China, mas deslocam-se para Portugal acompanhados pelos pais antes dos 18 anos. Sendo ainda imaturos, os adolescentes vêm com traços culturais e memórias do país de origem para uma outra sociedade, em que têm de se adaptar a uma nova cultura e dominar uma nova língua. Desse modo, este grupo passa a conhecer e a identificar-se com ambas as culturas e é inevitável a experiência de “transição” entre os dois mundos, mas o problema é que possui um conhecimento parcial de ambas as culturas, não como a primeira geração, que já recebe a educação chinesa antes da emigração, nem como a segunda, que aceita a educação portuguesa integral desde pequena. O sentimento de não-pertença a qualquer uma das culturas faz com que este grupo se sinta “perdido” entre as duas culturas, provocando um sentimento de inferioridade, decepção, hostilidade, rebeldia, etc. Portanto, a expressão “geração 1.5 dos imigrantes” é sempre relacionada com a expressão “crise de identidade” (Yang 2011, 39).

1.2.2 Identidade cultural

Antes de abordar a “identidade cultural”, queria começar por desconcertá-la em dois conceitos: a “cultura” e a “identidade”. Existem várias definições de “cultura”, entre as quais se destaca a de Edward Tylor: “*culture is that complex whole which includes knowledge belief, art, law, morals, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society*” (Tylor 1871, 1). Essa definição exprime a complexidade da cultura, a qual está em todo o lado na vida das pessoas e liga os indivíduos, as nações e o país. Terry Eagleton chama, no entanto, a nossa atenção para o facto de que

quaisquer outras capacidades envolvem uma temerária abertura de espírito: o cultural e o social tornam-se, assim, efetivamente idênticos. Cultura será, então, tudo o que não é transmitido geneticamente. Trata-se, tal como afirma um sociólogo [Zigmunt Bauman], da convicção de que os seres humanos “são o que lhes é ensinado”. Stuart Hall oferece uma igualmente generosa ideia de cultura como “práticas vitais” ou “ideologias práticas que permitem a uma sociedade, a um grupo ou a uma classe experimentar,

definir, interpretar e entender as suas condições de existência. (Eagleton 2000, 52)

O termo “identidade” vem do latim e foi amplamente usado em descrições dessa busca de determinar “quem a pessoa realmente é” (Plummer 1996, 370). Nas Ciências Sociais, discute-se a identidade do ponto de vista psicodinâmico e sociológico. O conceito de identidade desenvolvido por Erik Erikson, considera-a como “*a process “located” in the core of the individual and yet also in the core of his communal culture, a process which establishes, in fact, the identity of those two identities*” (Erikson 1968, 22). O autor também descreve a identidade como

A subjective sense as well as an observable quality of personal sameness and continuity, paired with some belief in the sameness and continuity of some shared world image. As a quality of unself – conscious living, this can be gloriously obvious in a young person who has found himself as he has found his communality. In him we see emerge a unique unification of what is irreversibly given... that is, body type and temperament, giftedness and vulnerability, infantile models and acquired ideals... with the open choices provided in available roles, occupational possibilities values offered, mentors met, friendship made, and first sexual encounters. (Erikson 1975, 18-19)

Ou seja, a identidade trata-se da visão do indivíduo de si próprio bem como a visão dos outros sobre o indivíduo, e é um sentimento de pertença a algum grupo. E assumir uma identidade (cultural) significa procurar algo que um indivíduo tem em comum com os membros de um grupo (cultural).

Erikson desenvolveu a expressão “crise de identidade” para indicar “the failure to achieve ego identity during adolescence” (Schultz 2009, 216). Propôs uma concepção de desenvolvimento em oito estágios psicossociais, segundo a juventude, para o autor, uma fase em que pode ocorrer a confusão da identidade, devido ao crescimento físico, ao desenvolvimento sexual e à construção individual do conceito de si (Erikson 1950, 234-235). Para adolescentes desta fase, fatores que contribuem para a confusão da identidade são

perda de laços familiares e falta de apoio no crescimento; expectativas parentais e sociais divergentes do grupo de pares; dificuldades em lidar com a mudança; falta de laços sociais exteriores à família (que permitem o reconhecimento de outras perspectivas) e o insucesso no processo de separação emocional entre a criança e as figuras de ligação. (Costa 1991, 37)

Existem também opiniões semelhantes sobre a crise na construção de identidade dos adolescentes. Como afirma Schultz, “*shaping an identity and accepting it are difficult tasks, often filled with anxiety. Adolescents experiment with different roles and ideologies, trying to determine the most compatible fit*” (Schultz 2009, 216) e “who experience an identity crisis - will exhibit a confusion of roles. They do not seem to know who or what they are, where they belong, or where they want to go” (*ibid.*, 216).

Um dos teóricos fundadores dos *Cultural Studies*, Stuart Hall, sugere que há duas formas de pensar sobre a identidade cultural: o primeiro é definir a identidade como uma cultura partilhada, “*a sort of collective 'one true self', hiding inside the many other, more superficial or artificially imposed 'selves', which people with a shared history and ancestry hold in common*” (Hall 1994, 223). Antigamente, as identidades eram muito conservadoras e pouco mutáveis, devido à falta de contatos entre diferentes culturas, por isso, achavam que a identidade era fixa e imutável e era decidida desde o nascimento. No entanto, essa opinião mudou ao longo do tempo. Cada vez mais estudiosos começaram a acreditar que a identidade está em constante mudança. Especialmente no final do século XX e no início do século XXI, começou o processo de globalização, em que as sociedades se interligam e as pessoas interagem mais entre si. Baseando-se nisso, Hall sugere a segunda forma de pensar: “*Cultural identity, in this second sense, is a matter of 'becoming' as well as of 'being'. [...] Cultural identities come from somewhere, have histories. But, like everything which is historical, they undergo constant transformation*” (*ibid.*, 225). Isso quer dizer que a identidade não é algo fixo, mas é algo que está sempre a mudar, deve ser vista como “*a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation*” (*ibid.*, 222). Por isso, a reflexão sobre a identidade cultural deve passar de “Quem nós somos? De onde somos?” para “Que tipo de pessoa nós seríamos?” e “Para onde vamos?”.

A meu ver, concordo com a ideia de que a identidade cultural de uma pessoa está sempre em mudança. Aliás, penso que esta é afetada, em grande parte, pelos contextos culturais em que se insere, uma vez que as características culturais variam de um lugar para o outro. Como explica, por sua vez, José Manuel Oliveira Mendes:

A identidade pessoal articula-se na dimensão temporal, num projeto de vida. Esta permanência no tempo, a relação da identidade pessoal com o tempo, pode ser entendida como um trabalho constante num espectro de variações, como uma síntese do heterogéneo. Ou seja, a linearidade dos relatos é um facto provisório, construído e em constante reelaboração. Por outro lado, a constituição mútua da narrativa e do tempo implica que a identidade narrativa se estruture como um entrecruzar instável entre história e ficção. As identidades emergem da narrativização do sujeito e das suas vivências sociais, e a natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva, material ou política das mesmas. As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático- discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas. A circulação crescente de discursos públicos, de narrativas centrais, fornece recursos individuais e coletivos para afirmar ou reafirmar essas identidades, mas convém não esquecer que todas as sociedades, grupos e classes sociais produzem memórias subterrâneas. (2002, 506)

De outro ponto de vista, a cultura poderia ser dividida em dois níveis: “*overt culture*” e “*covert culture*” (Hall 1959, 85), ou seja, designa-se por “*surface culture*” e “*deep culture*” (Van et al. 2004, 698) em alguns estudos. Não importa qual o nome atribuído, transmite-se uma ideia de que a cultura se compõe de duas partes, uma das quais é mais visível e facilmente descrita, enquanto a outra é menos visível e dificilmente alterada.

Como afirma Thomas Magnell, “*surface culture gains support from deep culture, where the phenomena of cultural practices are partly generated from*” (Magnell 2010, 75). No que diz respeito à identidade cultural, “*cultural identity is typically drawn terms of surface culture, and it is not hard to see why. As the phenomena of culture, cultural practices are what people are directly aware of*” (*ibid.*, 76).

Na minha opinião, a aculturação é o processo de um imigrante se adaptar à cultura dominante, e o processo em que o imigrante reconstrói a sua identidade cultural. Portanto, é preciso dar atenção ao processo de aculturação dos imigrantes para abordar a identidade cultural dos mesmos. Na década de 1990, J.W. Berry estabeleceu um modelo bidimensional de aculturação (*vide* Figura 1 abaixo). Na opinião do autor, os imigrantes não necessariamente abandonam a cultura de origem para aceitar a nova. De acordo com este modelo, a aculturação implica duas dimensões independentes: a manutenção cultural e o contato e participação na cultura dominante. A manutenção cultural refere-se aos indivíduos que

valorizam e aderem à sua cultura de origem, e o contato e participação na cultura dominante refere-se ao indivíduo que está envolvido no grupo cultural dominante (Berry 1997, 8).

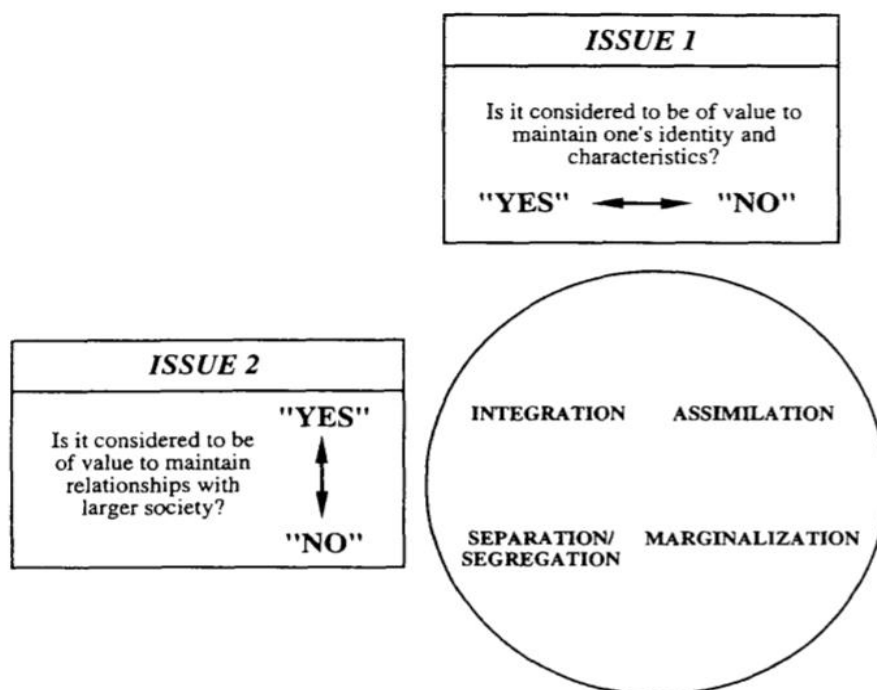


FIG. 1. Acculturation strategies.

Figura 1. A bidimensional model of acculturation (Berry 1997, 10).

Este enquadramento inclui quatro estratégias de aculturação (assimilação, separação, integração e marginalização) que são úteis para compreender como os indivíduos se adaptam a uma nova cultura. De acordo com o modelo, a estratégia de assimilação é caracterizada por indivíduos que não desejam manter a sua identidade cultural, mas preferem participar da cultura dominante; a separação é caracterizada pelos indivíduos que dão muita importância à sua cultura de origem e, ao mesmo tempo, rejeitam e evitam a interação com a cultura dominante e os imigrantes com tendência a essa estratégia isolam-se da outra cultura, não sendo favorável ao desenvolvimento multicultural. A estratégia de integração, de acordo com este modelo, é caracterizada por indivíduos que valorizam tanto a sua cultura de origem como a cultura dominante, ou seja, os indivíduos mantêm a tradição e os costumes da cultura

própria e, ao mesmo tempo, têm vontade de interagir com os outros grupos. Por último, a marginalização envolve aqueles indivíduos que são excluídos (voluntariamente ou à força) da sua cultura de origem, bem como da cultura dominante. Esses não conhecem realmente a cultura e a tradição da própria etnia, por isso, não acham que pertencem à comunidade de imigrantes, nem querem integrar-se na sociedade de acolhimento (Berry 1997, 9). Julgo que as preferências de estratégias de aculturação afetam, em grande parte, a identidade cultural dos imigrantes, pois refletem maneira e a atitude dos imigrantes perante a nova cultura.

Berry propõe ainda que os fatores tanto na sociedade de origem como na sociedade acolhedora podem influenciar a aculturação dos imigrantes, tais como políticas de aculturação, ideologias e atitudes na sociedade dominante e suporte social (Berry 1997, 26), aliás

public education and social legislation can promote an appreciation of the benefits of pluralism, and of the societal and personal costs of prejudice and discrimination to everyone. National studies of knowledge about and attitudes towards multiculturalism and specific ethnocultural groups among all residents can assist in monitoring progress towards these goals. (1997, 28)

1.3 A Comunidade Chinesa em Portugal

Em relação à primeira presença de chineses em Portugal, não existem dados completos. O registo da primeira chegada de chineses a Portugal remonta ao século XVI, quando três chineses foram trazidos para Portugal como escravos (Lee 2016, 12-14). Mais tarde, em 19 de fevereiro de 1624, com a proibição do tráfico de escravos chineses pelo rei de Portugal, os portugueses deixaram de importar escravos chineses (Pina-Cabral 2002, 114). Dois séculos depois, no primeiro quartel da centúria do século XIX, dois chineses de origem macaense, Lau-a-Teng (intérprete) e Lau-a-Pan (mestre), foram levados para a ilha de São Miguel para ensinar os rudimentos da plantação de chá (Moura 2014, 306). De modo geral, os registos de chineses em Portugal antes do século XX são dispersos, parecendo o seu número não ser significativo.

Poder-se-ia, no entanto, dividir a evolução histórica dos imigrantes chineses em Portugal em quatro fases, entre: os anos 20 do século XX até aos anos 80; dos anos 80 até aos

anos 90; do início do século XXI a 2012; e desde 2012 até aos dias de hoje. Cada fase é marcada pelas características específicas de cada época.

A partir dos anos 20 do século XX, registou-se a chegada de chineses ao Porto, Lisboa e Setúbal (Guimarães e Fernandes 2009, 195). Instalados no Porto, trabalhavam como comerciantes, estucadores e montadores de material. Alguns alteraram os seus nomes para nomes portugueses, o que dificulta a procura dos registos chineses desta época. No início da década de 1930, estes comerciantes chineses desenvolveram um comércio ambulante: vendiam gravatas, seda e toda a espécie de artigos e bugigangas na rua (Matias 2010, 81). Na década de 1940, a população de chineses já atingia um número razoável e desenvolveu-se o negócio da revenda no centro do país. Começaram a vender em pequenas lojas, e mais tarde abriram armazéns de revenda (Yu 2015, 62). Posteriormente, nos anos 1960, os já instalados começaram a levar amigos e familiares para Portugal para que pudessem ajudar com o negócio. Nesta época, alguns chineses de sucesso já podiam comprar casas e carros (Matias 2010, 84).

Em 1975, com a descolonização de Moçambique, Portugal recebeu 26 famílias chinesas oriundas de Moçambique (Yu 2015, 63). Com o bom domínio da língua portuguesa e o conhecimento da cultura local, estes integraram-se bem na sociedade.

Mais tarde em 1979, graças à política de abertura económica de Deng Xiaoping, a China começou a abrir-se ao mundo. Naquela época, todo o povo chinês era muito pobre, alguns chineses corajosos imigraram para a Europa em busca de novas oportunidades, e Portugal foi um dos destinos. Em resultado disso, registou-se a segunda onda migratória. Os chineses que vieram para Portugal eram maioritariamente da província Zhejiang (Matias 2010, 84). De acordo com a minha entrevista à imigrante chinesa Aixi Ji³, que chegou a Lisboa em 1982:

os primeiros imigrantes chineses sofreram muito para que pudessem se instalar em Portugal. Naquela época não era possível pedir o visto legal para entrarem no território, portanto, os imigrantes da China continental optaram por entrar ilegalmente na Europa durante as décadas de 1980 e de 1990. Para isso,

³ Aixi Ji imigrou para Lisboa da província Shandong em 1982, e já mora em Portugal há mais de 30 anos. Conhece muito bem a evolução histórica dos imigrantes chineses em Portugal bem como da comunidade chinesa.

precisavam de pagar cerca de 150 000 yuan (cerca de 20 000 euros) aos ‘snakeheads’⁴, enquanto o salário anual daquela época era de 2 400 yuan (cerca de 300 euros). Normalmente, só podiam sair de barco depois de terem pagado o sinal. A viagem era difícil e perigosa, e demorava em média dois a três meses. Após a chegada, trabalhavam em fábricas ou em restaurantes locais todos os dias e ganhavam pouco. Sendo imigrantes ilegais, não se atreviam a sair. Se a polícia aparecesse, esgueiravam-se pela porta traseira. Embora tivessem saudades da família, só podiam contactar por telefone ou por carta, mas não podiam voltar, já que seria muito difícil entrar na Europa. A esposa e os pais dos imigrantes ficavam na China a cuidar dos filhos. Após anos de residência ilegal, muitos deles conseguiram, felizmente, o título de residência devido à amnistia do governo. Depois de ter acumulado a primeira riqueza, eram capazes de fazer o próprio negócio: alguns optaram por abrir uma loja de comércio, enquanto outros optaram por abrir um restaurante chinês. O que quer que fizessem, a maioria deles conseguia grande sucesso porque trabalhavam arduamente e sem parar e acabavam por ganhar muito dinheiro. Depois de se terem instalado, começaram a trazer os filhos para cá, que nesse momento já eram crescidos.

Diferentes daqueles que vieram de Moçambique, os da China continental não conheciam a língua nem a cultura portuguesa e por isso não estavam bem integrados em Portugal. Entretanto, como muitos deles eram conterrâneos ou tinham uma relação de parentesco uniam-se e ajudavam-se uns aos outros na vida quotidiana, bem como nos negócios. Assim sendo, passaram a construir uma comunidade fechada.

Em 1999, com a transferência da soberania de Macau de Portugal à China, alguns macaenses optaram por vir para Portugal e adquirir a nacionalidade portuguesa. Todavia, devido à diferença no estilo de vida e na língua, não interagiam muito com os imigrantes da China continental (Matias 2010, 91).

Mais tarde, na década de 2000, a China estava a desenvolver-se rápido e estava cada vez mais aberta, sendo que muitos chineses passaram a prestar mais atenção na Europa. O sucesso dos pioneiros chineses em Portugal atraía muitas pessoas, especialmente os zhejiangneses, que rumaram a Portugal à procura de novas possibilidades. Baseando-se na experiência dos antecedentes, tinham a tendência de fazer comércio, quer por atacado quer por varejo, ou abrir restaurantes chineses (Ning, 64). Em comparação com os antecedentes que tinham vindo na década de 1980 e 1990, a situação destes era muito melhor, pelo menos,

⁴ Gangues chineses que contrabandeiam pessoas para outros países.

podiam pedir o visto de trabalho em vez de entrar ilegalmente na Europa, alguns imigrantes podiam até trazer dinheiro para desenvolver o seu negócio. Normalmente, trabalhavam sozinhos durante os primeiros anos, e depois de se terem instalado é que começavam a trazer os filhos para Portugal. Aliás, com a entrada da China na OMC⁵, as empresas chinesas como Huawei e ZTE⁶ aceleraram o ritmo de investimento em outros países, incluindo Portugal. Os gerentes e técnicos começaram a vir para Portugal trabalhar. Por esse motivo, o número de chineses em Portugal aumentou em relação ao passado. Segundo os dados estatísticos, em 2001 o número de chineses em Portugal era cerca de 4000, em 2011 esse número chegou a cerca de 16 000 pessoas (Pordata, 2018). Entre 2001-2011, esses números quadruplicaram.

De 2012 até agora, houve um aumento significativo e repentino dos imigrantes chineses em Portugal. De acordo com os dados oficiais do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (doravante designado por RIFA), a nacionalidade chinesa em 2011 era a sétima comunidade mais representativa em Portugal, com o número de 16 785 pessoas (RIFA 2011, 18). No fim de 2016, o número atingiu as 22 503 pessoas, dos quais 11 314 representavam o sexo masculino e 11 189 o sexo feminino. Além dos chineses que vieram para abrir restaurantes ou lojas que vendem produtos chineses, surgem outros tipos de imigrantes: os imigrantes de visto *gold* e os estudantes.

Com a criação do programa ARI⁷ em 2012, uma grande quantidade de chineses comprou imóveis como forma de investimentos para imigrar para Portugal. Até o fim de 2017, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) já emitiu 5533 vistos dourados aos requerentes chineses (Neves, 2018). Segundo Y Ping Chou, o presidente da Liga dos Chineses em Portugal, os titulares do visto *gold* trazem cada vez mais familiares, sobretudo a mulher e os filhos, e o número total pode chegar a 9315 pessoas.

Com a intensificação das relações entre a China e os países lusófonos, o português

⁵ A sigla OMC (WTO em inglês) é a abreviatura da Organização Mundial do Comércio, que foi criada para supervisionar e liberalizar o comércio internacional.

⁶ Tanto a Huawei como a ZTE são empresas chinesas de telecomunicações que prestam serviços para as redes e dispositivos móveis.

⁷ ARI é a sigla para a Autorização de Residência para Atividade de Investimento, também conhecidos como vistos *gold*.

passa a ser uma das línguas mais procuradas na China. “Os estudantes têm uma ideia de que aprender português é uma garantia de empregabilidade”, disse Carlos Ascenso André, professor da Universidade de Coimbra (Soares, 2013). Em resultado disso, nos últimos dez anos, o número de universidades com o estudo do português quadruplicou (BBC, 2017). Até 2016, “na China já há mais de 30 instituições que têm o curso de licenciatura em português ou como disciplina de opção”, disse Xu Yixing, professora da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (Agência Lusa, 2016). Normalmente, no terceiro ano da licenciatura, as instituições enviam os alunos para Portugal para fazer um ano de intercâmbio, para que eles possam melhorar o nível da língua. De modo geral, ficam em Portugal um ou dois anos a estudar, e depois a maioria volta para a China à procura de emprego, enquanto outros optam por ficar em Portugal para trabalhar ou fazer mestrado depois da licenciatura.

Aliás, empresas como a Companhia Nacional da Rede Elétrica da China, Fosun e Haitong aceleram o ritmo de desenvolvimento de negócios em Portugal, mandando muitos imigrantes técnicos para o território.

Em relação aos imigrantes anteriores, os novos têm um nível de educação mais alto e uma melhor condição económica. A maioria dos estudantes e trabalhadores mandados pela empresa sediada na China ficam poucos anos em Portugal, enquanto os outros tendem a morar cá mais tempo. Geralmente, vêm primeiro sozinhos e, posteriormente, trazem a sua família. A esposa pode ajudar com os negócios e os filhos podem estudar nas escolas portuguesas.

Capítulo II – Pesquisa de Campo sobre a Geração 1.5 dos Imigrantes Chineses em Lisboa

2.1 Metodologia de Investigação e Descrição de Amostras

O aumento do número de imigrantes chineses da geração 1.5 em Portugal, especialmente em Lisboa, torna esta pesquisa cada vez mais necessária. Portanto, é necessário definir uma metodologia na recolha dos dados, a fim de ter um conhecimento geral sobre este grupo, descobrir como é a identidade cultural dos imigrantes chineses da geração 1.5 em Portugal e os fatores possíveis que influenciam essas escolhas.

Quanto à metodologia de pesquisa,

em sociologia, investigadores quantitativos usam um conjunto de análises estatísticas em certas situações, generalizações, para determinar o padrão dos dados e o seu significado, enquanto que investigadores qualitativos usam técnicas de fenomenologia e a sua visão do mundo para extrair significado. (Fonseca 2008, 1)

A abordagem quantitativa usa preferencialmente o questionário (*ibid.*, 8), enquanto a abordagem qualitativa é realizada através da observação sobre os participantes, entrevistas, etc. (Babbie 2009, 374). Para Earl Babbie, os questionários possibilitam a pesquisa de grandes amostras, o que é importante para a análise descritiva e explicativa (*ibid.*, 276). Além disso, existe uma abordagem mista, a qual combina os dois paradigmas acima. Quer dizer, os investigadores usam “diferentes métodos para o estudo de um dado fenómeno” (Fonseca 2008, 8). No entanto, as desvantagens são “o custo, tempo e experiência do investigador na utilização eficaz dos dois tipos de métodos” (*ibid.*, 8).

A abordagem qualitativa é muito subjetiva, e é difícil refletir de um ponto de vista geral acerca das amostras, enquanto a abordagem quantitativa pode quantificar os resultados de modo mais claro e objetivo (Babbie 2009, 311). E perante um questionário em vez de um entrevistador, os participantes sentem-se mais à vontade de expressar a sua opinião verdadeira, porque é anónimo (*ibid.*, 275). Aliás, com a ajuda de um *software*, é possível fazer uma

comparação e uma análise de dados. Portanto, a abordagem quantitativa é a adotada neste trabalho para possibilitar uma análise estatística confiável.

Baseado nos questionários de Yijing Yu (2015, 107-112) e de Ning Ding (2012, 77-87) e em teorias, elaborei o meu questionário de acordo com as características dos inquiridos e o objetivo da presente pesquisa, combinei também a minha experiência de quatro anos de vivência em Lisboa. O questionário é composto por 24 perguntas, predominantemente de escolha múltipla. Foi elaborado com uma linguagem simples para que todos pudessem entender bem as questões. As questões dividem-se em quatro aspetos: as informações pessoais, a família original, a experiência educacional e os comportamentos, sentimentos e atividades mentais, através dos quais procuro analisar as características dos imigrantes chineses da geração 1.5 e os fatores que podem afetar as suas escolhas de identidade cultural. As perguntas foram ordenadas aleatoriamente e as alternativas tendem a cobrir todas as possibilidades; no que diz respeito às questões que pretendem avaliar o grau, utiliza-se um controlo deslizante (veja figura 2) para realizar uma medida mais precisa, porque “slider scales afford a more accurate reflection of respondents’ true attitudes and opinions” (Roster, Lucinetti e Albaum 2015, 9).

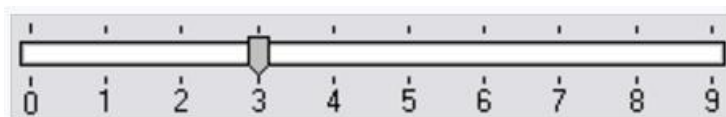


Figura 2. O controlo deslizante.

Tive como referência o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (doravante designado por QECR), um guia usado para descrever os objetivos a serem alcançados pelos estudantes de línguas estrangeiras na Europa. O QECR divide o conhecimento dos alunos em três categorias, cada uma com duas subdivisões: A) Utilizador elementar (A1 Inicial, A2 Básico); B) Utilizador independente (B1 Intermédio, B2 independente); C) Utilizador experiente (C1 Fluente eficaz, C2 Fluente estruturado). No item em que se questiona o nível do Português dos entrevistados, utilizei o QECR como o guia padrão para avaliar o seu domínio da língua portuguesa (Conselho da Europa, 2018).

Vale a pena referir que o programa de pesquisa utilizado foi o Wenjuanxing⁸, que permite criar um questionário *online*, recolher os dados e analisar as amostras. Primeiro, redigi os itens no Word, fiz o *login* no Wenjuanxing, e introduzi as questões e as escolhas para o programa. Este programa dispõe de muitos tipos de itens, como escolha múltipla, preenchimento, arrastar o controle deslizante para escolher o valor. Pode-se definir cada item para evitar que os questionados escolham mais que uma resposta ou nenhuma, o que poderia aumentar a validade da pesquisa e reduzir as respostas inválidas. Depois da redação, foram gerados automaticamente o questionário e o *link* do mesmo. Foram enviados aos inquiridos os *links* através da plataforma social, onde preencheram o questionário *online*, submeteram-no, e depois, foram produzidos os tabelas (que serão mostrados em baixo) pelo programa a partir dos dados recolhidos, para indicar o número de participantes que escolheram cada alternativa e a sua percentagem em relação a todas as questões inquiridas.

Todos os participantes foram informados de que as respostas seriam voluntárias e anónimas. Os entrevistados são oriundos predominantemente de Lisboa, especialmente das zonas onde se concentram mais chineses, como Martim Moniz, Oriente e Benfica.

2.2 Apresentação dos Resultados do Questionário

Segundo Berry e Sam (1997, 291–326), fatores demográficos, como idade e sexo, e o nível socioeconómico da família são todos identificados como possíveis fatores que afetam os resultados da aculturação e da identidade cultural. Harry (1992, 12) identifica oito fatores que parecem influenciar mais fortemente a aculturação, incluindo “*time in the host culture; proximity to the traditional culture, which... deters the acculturation process; age; birthplace; gender, with females being more open to acculturation than males; and intermarriage; social class and educational level*” (Harry 1992, 14). Por isso, no questionário a seguir introduzirei esses oito fatores, de modo a comprovar se a teoria de Harry também é aplicável no caso dos chineses de geração 1.5 em Portugal.

⁸ É uma plataforma eletrónica chinesa em que se pode criar questionários e distribuir os questionários, coletar dados e analisá-los agilmente. Pode-se enviar o *link* do questionário aos participantes, os quais respondem online. Depois, Wenjuanxing coleta os dados e pode organizá-los e apresenta os resultados em tabelas ou gráficos para ajudar a análise. O website é : <https://www.wjx.cn/>

No primeiro item é questionado o sexo dos participantes. Além de contar o número dos inquiridos masculinos e femininos, serve para ver se o sexo tem alguma influência na identidade cultural ou na escolha de estratégias de aculturação dos imigrantes.

Tabela 1. Qual é o seu sexo?

选项	小计	比例
Masculino男	19	 44.19%
Feminino女	24	 55.81%
本题有效填写人次	43	

Os questionários foram aplicados a 43 imigrantes, dos quais 19 são do sexo masculino (44,19%) e 23 do sexo feminino (55,81%), com idades atuais superiores a 16 anos. Todos os inquiridos são da geração 1.5, vindo maioritariamente para Portugal após a década 1990. Pode-se ver através do Tabela 19 que o número de participantes do sexo masculino é pouco menor que o número de participantes do sexo feminino, sendo a diferença quase insignificante.

Tabela 2. Idade Atual.

选项	小计	比例
≤15 不超过15岁	0	 0%
16-20 anos 16-20岁	9	 20.93%
21-25anos 21-25岁	25	 58.14%
≥26 anos 26岁以上	9	 20.93%
本题有效填写人次	43	

De seguida, é questionada a idade atual para conhecer a faixa etária dos participantes. Dentre os 43 inquiridos, ninguém tem menos de 15 anos neste momento, nove (20,93%) têm entre 16 e 20 anos de idade, 25 (58,14%) têm entre 21 e 25 anos, os que têm idade superior a 26 anos são nove, totalizando 20,93% da amostra total. É possível demonstrar que a maioria desta geração nasceu durante a década de 1990 e 2000.

⁹ Nota: Nos gráficos, os itens em cima, da esquerda para a direita “选项” “小计” “比例” significam respetivamente “Alternativa”, “N.º de Inquiridos”, “Percentagem (em relação a todos os que responderam a este item)”, e “本题有效填写人次” em baixo significa “N.º Total de Inquiridos Que Responderam a Este Item”.

Tabela 3. Onde fica a sua terra natal?

选项	小计	比例
Zhejiang 浙江	33	 76.74%
Fujian 福建	4	 9.3%
Shandong 山东	3	 6.98%
Outros 其他 [详细]	3	 6.98%
本题有效填写人次	43	

Segundo Berry, “*psychological acculturation is influenced by numerous group-level factors in the society of origin and in the society of settlement*” (Berry 1997, 26). Portanto, é preciso analisar não só a sociedade acolhedora como também a sociedade de origem.

Em relação à província de origem, 33 inquiridos (76,74%) são oriundos de Zhejiang, o que coincide com a percentagem mostrada no primeiro capítulo. Quatro (9,3%) são de Fujian¹⁰, três de Shandong¹¹ e os outros três são de Macau, Hebei e Hubei¹², respetivamente. Esses dados indicam que a esmagadora maioria dos inquiridos são da província costeira da China, existindo poucos oriundos do interior do país. Poucas terras aráveis e montanhas bloqueiam os zhejiangeses do interior do país, o povo de Zhejiang tem olhado para o mar. Como referido no primeiro capítulo, Zhejiang é uma província de emigração desde os tempos antigos, quase cada família tem parente(s) que vive(m) na Europa, fazendo com que muitas pessoas dessas zonas optem por emigrar para aquele continente europeu.

Em relação à província de origem, 33 inquiridos (76,74%) são oriundos de Zhejiang, o que coincide com a percentagem mostrada no primeiro capítulo. Quatro (9.3%) são de Fujian, três de Shandong e os outros três são de Macau, Hebei e Hubei respetivamente. Esses dados indicam que a esmagadora maioria dos inquiridos são da província costeira da China, enquanto poucos são do interior do país. Terras aráveis e montanhas bloqueiam os *zhejiangeses* do interior do país, o povo de Zhejiang tem visão direta para o mar. Como referido no primeiro capítulo, Zhejiang é uma província de emigração desde os tempos antigos, quase cada família tem parentes que vivem na Europa, fazendo com que muitas pessoas dessas zonas optem por

¹⁰ Fujian, por vezes em textos mais antigos Fukien, Fuquiém ou Hokkien, é uma província costeira do sudeste da China e faz fronteira a nordeste com Zhejiang.

¹¹ Shandong, é uma província costeira do leste da China.

¹² Hebei e Hubei situam-se aproximadamente no centro da China.

emigrar para o continente europeu.

Tabela 4. Há quanto tempo vive em Portugal?

选项	小计	比例
≤ 5 anos 不超过5年	6	13.95%
6-10 anos 6-10年	19	44.19%
11-15 anos 11-15年	11	25.58%
≥16 anos 大于等于16年	7	16.28%
本题有效填写人次	43	

Quando inquiridos “Há quanto tempo vive em Portugal?”, 11 (25,58%) têm vivido entre 11 e 15 anos, sete (16,28%) têm vivido mais de 16 anos, 19 (44,19%) têm vivido entre 6 e 10 anos, e seis (13,95%) têm vivido menos de 5 anos. Na minha opinião, os que vivem há mais de cinco anos no país de acolhimento já podem ser considerados como residentes de longo prazo, uma vez que, segundo o SEF, os cidadãos estrangeiros que vivam há mais de cinco anos no território português podem pedir autorização de residência permanente¹³. Dentre os inquiridos, são 37 os cidadãos com autorização de residência permanente (86,05%). Os mesmos já passaram o período de adaptação e têm domínio da língua, adaptam-se facilmente ao seu modo de pensar e ao modo de viver do país de acolhimento. Sendo ainda novos imigrantes, seis (13,95%) vivem há menos de cinco anos.

Tabela 5. A que nível conhece a história e a cultura, as tradições e os costumes da China?

选项	小计	比例
Conheço um pouco 了解一些	35	81.4%
Quase não conheço 基本不了解	2	4.65%
Conheço muito bem 非常了解	6	13.95%
本题有效填写人次	43	

¹³ Autorização de Residência Permanente (Art.º 80.º do REPSAE, conjugado com o art.º 64.º do DR n.º 2/2013) Consultado a 28 de março de 2017. Disponível em <http://www.imigrante.pt/DocumentosNecessarios/ConcessaoAR/21Art80.aspx>.

A esmagadora maioria, 35, (81,40 %) conhece um pouco a história e a cultura, as tradições e os costumes da China. Dois (4,65%) quase não conhecem e seis (13.95%) conhecem muito bem. Logo, podemos afirmar que a maioria dos inquiridos não têm um conhecimento muito abrangente da cultura chinesa.

Tabela 6. Pretende casar com um(a) português(a)?

选项 #	小计 #	比例
Nunca pensei nisto 没想过 [详细]	18	41.86%
Impossível de aceitar 很介意，绝无可能 [详细]	2	4.65%
É possível aceitar um namoro 恋爱可以，不会结婚 [详细]	8	18.6%
Não me importo, aceito tanto namoro como o casamento 不介意，有合适对象会考虑结婚 [详细]	12	27.91%
Não me importo, mas se os pais não aceitam, não vou casar com o/a português/a 不介意，但是如果父母不同意，我也不会找葡萄牙人 [详细]	3	6.98%
本题有效填写人次	43	

No que diz respeito ao namoro e ao casamento com portugueses, 18 (41,86%) nunca pensaram nessa hipótese; dois (4,65%) afirmaram que seria impossível aceitar a possibilidade de namorar ou mesmo casar com cidadãos portugueses. Oito (18,6%) disseram que seria possível aceitar o namoro, mas não o casamento com portugueses. 12 (27.91%) não se importariam em namorar portugueses e aceitariam mesmo se fosse para casar. E outros três (6.98%), embora os próprios não se importem, se os pais não aceitassem, nunca casariam com portugueses.

Tabela 7. Qual é a sua profissão?

选项 #	小计 #	比例
Estudante 学生	10	23.26%
Empregado de empresa portuguesa 葡萄牙公司员工	4	9.3%
Empregado de empresa chinesa 华人公司员工	16	37.21%
Proprietário 个体业主	14	32.56%
Não tenho um trabalho fixo 无固定工作	5	11.63%
Outros 其他 [详细]	2	4.65%
本题有效填写人次	43	

Em relação à profissão atual, os inquiridos podem escolher mais de uma alternativa, por isso, a soma das percentagens de cada uma poderá exceder os 100%. Dez (23,26%) são ainda estudantes, quatro (9,3%) estão a trabalhar numa empresa portuguesa, enquanto 16 (37,21%) são funcionários de uma empresa chinesa. 14 (32,56%) são proprietários, que maioritariamente optam por abrir restaurantes e lojas chinesas. Dois (4,65%) têm outro tipo de trabalhos, como vendedor de seguros e docente de língua chinesa, respetivamente. Cinco (11,63%) não têm trabalho fixo, fazendo trabalhos em tempo parcial ocasionalmente. Os percentuais somados correspondem a 118,61%. Pode-se ver na tabela 7 que o trabalho da maioria dos inquiridos está intimamente ligado à comunidade chinesa.

Weiwei Huang (1999, 91) apontou que os fatores da mudança da identidade cultural étnica incluíam a idade na imigração, a experiência educacional e a proficiência da língua de acolhimento. Apontou também que o grau de aculturação tem que ver com a frequência do uso da língua de acolhimento. Portanto, decidi analisar esses fatores para ver se existe alguma relação com a identidade cultural.

Tabela 8. Prefere ler notícias, ver novelas ou filmes em português ou em chinês?

选项 #	小计 #	比例
Chinês 中文	41	 95.35%
Português 葡语	0	 0%
Outros 其他 [详细]	2	 4.65%
本题有效填写人次	43	

A esmagadora maioria (95,35%) dos inquiridos prefere ler notícias, ver novelas e filmes em chinês, mas, ninguém prefere ler em português. Os outros dois preferem ler em inglês. Na minha opinião, isso significa que os pensamentos dos participantes e a cultura a que eles estão associados é a chinesa.

Tabela 9. Quando chegou a Portugal?

选项 #	小计 #	比例
Cheguei a Portugal entre 13-17 anos 13-17岁期间	21	 48.84%
Cheguei a Portugal entre 6-12 anos 6-12岁期间	19	 44.19%
Cheguei a Portugal antes dos 6 anos 6岁以前	3	 6.98%
本题有效填写人次	43	

O presente item procura analisar a idade de chegada a Portugal dos participantes. 21 dos inquiridos (48,84%) chegaram a Portugal entre os 13 e os 17 anos. 19 (44,19%) chegaram entre os 6 e os 12 anos, enquanto três chegaram antes dos 6 anos.

Tabela 10. Qual é o seu nível escolar?

选项 #	小计#	比例
Ensino básico初中及以下	8	 18.6%
Ensino secundário高中	21	 48.84%
Ensino superior 高等教育	9	 20.93%
Pós-graduação ou superior 研究生及以上	5	 11.63%
本题有效填写人次	43	

Em relação ao nível escolar dos inquiridos, oito (18,6%) concluíram o ensino básico, 21 (48,84%) o ensino secundário, nove (20,93%) o ensino superior e cinco (11,63%) a pós-graduação. Quase um terço dos inquiridos tem um nível académico relativamente alto, no entanto, como parte dos inquiridos ainda são jovens e ainda não concluíram os seus estudos, estes dados não podem refletir o nível médio académico dos imigrantes.

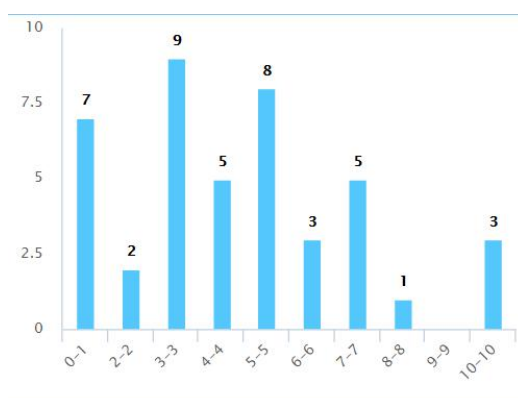
Tabela 11. Qual é o seu nível de língua portuguesa?

选项 #	小计#	比例
Utilizador experiente (fluente estruturado) C2 如同当地人	10	 23.26%
Utilizador experiente (fluente eficaz) C1 应用自如	11	 25.58%
Utilizador independente B2 独立使用者	12	 27.91%
Utilizador intermédio B1 中级使用者	7	 16.28%
Utilizador elementar A1-A2 基本的交流	3	 6.98%
Não sei português A0 完全不会	0	 0%
本题有效填写人次	43	

Pela tabela é possível determinar que três dos inquiridos (6,98%) já têm um conhecimento básico de português, podem entender e utilizar expressões familiares do dia a dia, bem como frases básicas direcionadas a satisfazer necessidades concretas, correspondendo ao nível A1 e A2 do QECR; 19 (44,18%) conseguem entender ideias

principais de textos complexos e interagir fluentemente e naturalmente com os próprios nacionais, correspondente ao nível B1-B2. 21 (48,83%) sabem expressar-se de forma fluente e espontânea sem demonstrar muitos esforços para encontrar uma palavra ou expressão adequada, correspondendo ao nível C1-C2. Conclui-se que a grande maioria dos inquiridos dominam esta língua de forma relativamente fluente (igual ou superior a B2), o que contribui para uma melhor aculturação na sociedade.

Gráfico 1. Na interação com amigos, família e colegas, qual é a frequência com que usa português?



Neste item também se utiliza o controle deslizante para avaliar a frequência do uso do português. O valor “0” significa “não falo português” enquanto “10” significa “falo sempre português”. O valor médio é 4.3, o que reflete que em quase metade dos casos os inquiridos usam o português, ou seja, o português já ocupa um lugar de destaque na vida dos inquiridos. Todavia, se analisarmos o caso de cada indivíduo, pode-se constatar que três escolheram a pontuação “10” (falo sempre português) e três escolheram “0” (não falo português). No geral, podemos concluir que a frequência do uso da língua portuguesa varia de pessoa para pessoa.

Gráfico 2. Que papel a escola desempenha na sua integração na sociedade portuguesa?



Spaun defende que “*school plays an important role in the host culture adaptation and in cultural identity*” (Spaun 2007, 9), porque “*it becomes increasingly important for the individual to gain acceptance and be able to participate competently in the mainstream society*” (Oppedal 2006, 101). Como os jovens imigrantes passam muito tempo na escola, procuro analisar a influência da escola na integração na sociedade portuguesa. Para isso, utiliza-se o controle deslizante para indicar o nível. Todos os inquiridos sabem que o valor superior a zero significa o impacto positivo, e quanto maior for o valor, mais alto o nível, “5” significa que tem influência muito positiva (ajudando-me a integrar na sociedade portuguesa). E o valor inferior a zero significa o impacto negativo, e “-5” significa que tem influência muito negativa (afastando-me da sociedade portuguesa). “0” significa que não tem influência. Os dados mostram que 38 escolheram um valor superior a zero e três escolheram o valor zero. No entanto, dois escolheram o valor inferior a zero, que foi de -1 e -2, respetivamente. O valor médio dos 43 inquiridos é de 3,14, o que mostra o papel positivo da escola como promotora de integração na sociedade portuguesa dos jovens imigrantes.

Tabela 12. A que nível conhece a história e a cultura, as tradições e os costumes de Portugal?

选项 #	小计 #	比例
Quase não conheço 基本不了解	6	<div><div></div></div> 13.95%
Conheço um pouco 了解一些	34	<div><div></div></div> 79.07%
Conheço muito bem 非常了解	3	<div><div></div></div> 6.98%
本题有效填写人次	43	

Uma grande maioria (79,07%) conhece um pouco da história, cultura, tradições e

costumes portugueses. Seis (13,95%) quase não conhecem e três (6,98%) conhecem muito bem. Podemos concluir que a maioria dos inquiridos tem apenas um conhecimento superficial e não profundo da cultura portuguesa.

Tabela 13. Qual é a atitude dos seus pais em relação à educação da língua e cultura chinesa?

选项 #	小计 #	比例
Indiferente, acham que não é necessário aprender a língua e cultura chinesa 不重视, 甚至认为没必要学习中国语言文化 [详细]	0	0%
Indiferente, os filhos podem estudar ou não, não é preciso ensiná-los de propósito 无所谓, 可学可不学, 没必要刻意培养 [详细]	16	37.21%
Dão alguma importância, lembram sempre os filhos de que têm raiz chinesa e até levam os filhos para a escola de língua chinesa 比较重视, 会提醒自己是中國根, 甚至送孩子去中文学校就读 [详细]	21	48.84%
Dão muita importância, até exigem falar chinês em casa e ler poesia chinesa desde criança 非常重视, 甚至要求在家必须讲中文、从小要求背诵古诗词 [详细]	6	13.95%
本题有效填写人次	43	

Investigadores indianos avaliaram a identidade étnica e aculturação de 108 imigrantes americanos-asiáticos da geração 1.5 e dos pais deles. O estudo mostra que os índices da autoidentificação e da identidade cultural dos pais e dos adolescentes estão positivamente associados (Farver, Narang, Bhadha 2002, 338). Este item foi elaborado para verificar se esta situação também ocorre em Portugal. Segundo a tabela 13, todos os pais dos inquiridos acham ser imprescindível a aprendizagem da língua e cultura chinesa dos seus filhos. Embora os pais de 16 dos inquiridos (37,21%) tenham uma atitude indiferente relativamente à educação dos seus filhos acerca da língua e cultura do país de origem, os pais de 21 dos inquiridos (48,84%) acham relevante e relembram constantemente os filhos que estes são descendentes chineses, e que os filhos deviam frequentar uma escola de língua chinesa. Os pais de seis dos inquiridos (13,95%) dão muita importância a isso, exigindo até que se fale chinês em casa. Podemos concluir que na maioria dos casos, os pais dão grande importância à educação da língua e cultura chinesa, o que pode ter um impacto positivo na manutenção da identidade cultural do país de origem.

Tabela 14. Além da China e Portugal, viveu alguma vez noutro(s) país(es) mais de seis meses? Caso a resposta seja afirmativa, qual a influência que esta experiência tem na sua identidade cultural?

选项 #	小计#	比例
Não tenho essa experiência.我没有这种经历 [详细]	29	 67.44%
Tenho essa experiência, mas não tem influência na minha identidade cultural有这样的经历, 但它没有对我的文化认同观产生影响 [详细]	2	 4.65%
Tenho essa experiência, através da qual percebo que a cultura é diversificada, por isso, mantenho uma mente aberta,e aprendo a aceitar e respeitar outras culturas有这样的生活经历, 它让我认识到了文化是多元的, 我因此兼容并包, 而觉得各个文化都有可取之处, 会接受甚至学习其他文化 [详细]	10	 23.26%
Tenho essa experiência, mas não gosto doutras culturas e identifico-me mais com a identidade cultural chinesa有这样的经历, 但我并不喜欢其他文化, 反而更认同中国文化 [详细]	2	 4.65%
本题有效填写人次	43	

Como referido no primeiro capítulo, as características culturais de uma pessoa estão intimamente relacionadas com o lugar (ou o grupo social) e a era em que se insere, e são influenciadas pelas pessoas em seu redor. Isso leva-me a refletir se a experiência de viver em outro(s) país(es) poderá influenciar a sua identidade cultural. Será que têm uma mente mais aberta, sem preconceitos? Com essa hipótese, elaborei o presente item.

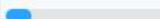

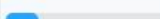

Dentre os 43 inquiridos, 13 viveram alguma vez noutra(s) país(es) mais de seis meses, mas dois (4,65%) acham que essa experiência não tem influência na sua identidade cultural. Dez (23,26%) afirmam que através dessa experiência percebem que a cultura é diversificada, por isso, mantêm uma mente aberta, não se identificando com uma única cultura, mas aprendem a aceitar e respeitar outras culturas. Dois (4,65%) também têm essa experiência, mas não gostam de outras culturas e identificam-se mais com a identidade cultural chinesa.

Tabela 15. Acha que assume culturalmente mais a identidade chinesa ou a portuguesa?

选项 #	小计#	比例
Mais chinesa 更偏向中国文化认同	31	 72.09%
Nunca pensei nisso 没想过	0	 0%
Não sei qual é a minha identidade cultural 我不知道	9	 20.93%
Mais portuguesa 更偏向葡萄牙文化认同	3	 6.98%
本题有效填写人次	43	

Segundo os dados obtidos pela tabela, 31 dos inquiridos (72,09%) identificam-se mais com a cultura chinesa e três (6,98%) identificam-se mais com a cultura portuguesa. Nove (20,93%) não sabem qual é a sua identidade. Em geral, todos os inquiridos lidam com essa identidade cultural de forma autónoma e, entre eles, a maioria tem uma identidade mais chinesa, enquanto que a minoria já está mais ou menos aculturada, alguns ainda estão à procura da sua identidade cultural.

Tabela 16. Qual é a sua atitude em relação à cultura chinesa e portuguesa?

选项 #	小计#	比例
Assimilação: Reconheço a cultura chinesa, mas prefiro abandonar a cultura chinesa e integrar-me na cultura portuguesa 被葡萄牙文化同化	6	 13.95%
Integração: Acho muito importante a cultura chinesa, mas gosto de lidar com os outros grupos, aprender e conhecer a cultura deles 既接受葡文化, 又保留中国文化	19	 44.19%
Separação: Acho muito importante a cultura chinesa, e prefiro isolar-me nessa cultura, e espero evitar o contato com os portugueses 倾向多和华人来往, 避免和葡人接触	8	 18.6%
Marginalização: Não conheço bem nenhuma das culturas. Por isso, acho que não pertencem a comunidade chinesa, nem à sociedade portuguesa 边缘, 我觉得自己不属于任何一方	10	 23.26%
本题有效填写人次	43	

Em relação à atitude da cultura chinesa e portuguesa, 19 (44,19%) acham muito importante a cultura chinesa, mas também gostam de lidar com os outros grupos, aprender e conhecer a cultura deles. Seis (13,95%) reconhecem a cultura chinesa, mas preferem abandoná-la e integrar-se na cultura portuguesa. Dez (23,26%) não conhecem bem a cultura chinesa, nem a cultura portuguesa. Por isso, acham que não pertencem nem à comunidade chinesa, nem à sociedade portuguesa. Por fim, oito (18,6%) acham muito importante a cultura

chinesa, e preferem isolar-se nessa cultura, e esperam evitar o contato com os portugueses. É possível concluir que a grande maioria escolhe a estratégia de integração, e poucos optam por serem assimilados. Alguns dos inquiridos preferem estratégias de separação e outros sentem-se marginalizados, voluntariamente e involuntariamente.

Tabela 17. Com quem se relaciona mais?

选项 #	小计#	比例
Amigos chineses 中国朋友	26	 60.47%
Amigos portugueses 葡萄牙朋友	0	 0%
Amigos de vários grupos culturais 各个文化群体的朋友都有	14	 32.56%
Não me relaciono com as pessoas 平时不太和人来往	3	 6.98%
本题有效填写人次	43	

Estudos mostram que as relações entre pares são muito importantes no processo de aculturação (Spaun 2007, 28). Para facilitar a análise, dividi os “amigos” de acordo com as etnias, com o fim de saber o relacionamento social e se isso tem influência na identidade cultural e as escolhas das estratégias de aculturação dos imigrantes. No que diz respeito aos amigos, os resultados apontam que 26 (60,47%) relacionam-se mais com amigos chineses e 14 (32,56%) relacionam-se mais com amigos de vários grupos culturais, três (6,98%) não gostam de se relacionar com as pessoas.

Tabela 18. O que é mais difícil de se adaptar no processo de aculturação?

选项 #	小计#	比例
Diferenças de comida 饮食习惯	2	 4.65%
Diferenças de hábitos e costumes 地方风俗	5	 11.63%
Diferenças de valores e de ações dos povos 文化价值观、行为方式差异	33	 76.74%
Outros 其他 [详细]	6	 13.95%
本题有效填写人次	43	

Como já mencionado no primeiro capítulo, as identidades culturais das pessoas são

construídas a partir da cultura em que vivem. Após a imigração, os inquiridos começaram a viver num novo mundo em que a comida, as tradições e os valores são diferentes do que já estavam acostumados. O objetivo é analisar a adaptabilidade desses fatores.

33 (76,74%) dos inquiridos acham que as diferenças de valores e de ações dos povos são mais difíceis de se adaptar no processo de aculturação, cinco (11,63%) acham que são as diferenças de hábitos e costumes e dois (4,65%) acham que as diferenças de comida são as mais difíceis de se adaptar. Além disso, um inquirido respondeu que a discriminação dos chineses é um fator que impede a adaptação, e seis pessoas dizem que não há nada que as impeçam de se adaptar à sociedade. Os inquiridos podem escolher mais de uma alternativa, por isso, a soma dos percentuais pode ser mais de 100%.

Tabela 19. Quando sente dificuldades e precisa de ajuda, o que faz?

选项 #	小计#	比例
Tentar resolver por si próprio 自己想办法 [详细]	21	48.84%
Pedir ajuda aos familiares e aos amigos que estão na China 找在中国的亲戚朋友 [详细]	7	16.28%
Pedir ajuda aos amigos chineses em Portugal 找在葡萄牙认识的华人朋友 [详细]	21	48.84%
Pedir ajuda aos amigos, colegas, professores portugueses ou ao governo 找葡萄牙当地的朋友、老师、同学、政府或有关机构 [详细]	13	30.23%
Outros 其他 [详细]	4	9.3%
本题有效填写人次	43	

Du Chunyan e os seus colegas acham que a relação entre os imigrantes e os nativos e o governo local pode refletir até certo ponto a atitude destes sobre a identidade cultural e a aculturação (Du, Du e Mao 2000, 29). Quando têm dificuldades e precisam de ajuda, 21 dos inquiridos (48,84%) optam por tentar resolvê-los por si próprios; 21 (48,84%) optam por pedir ajuda aos amigos chineses em Portugal; 13 (30,23%) pedem ajuda aos amigos, colegas, professores portugueses ou ao governo; sete (16,28%) auxiliam-se em familiares e em amigos que estão na China. Conclui-se que só um terço dos inquiridos tende a pedir ajuda à comunidade local, enquanto a maioria ainda depende da comunidade chinesa em Portugal ou tentam resolver por si próprios.

Tabela 20. Para si, qual é a atitude dos portugueses em relação aos imigrantes chineses?

选项 #	小计#	比例
São simpáticos e tolerantes 乐意和中国人交往。很友善	22	 51.16%
São educados mas é difícil fazer amizade íntima com eles devido às diferenças culturais 礼貌但是有距离感	18	 41.86%
São preconceituosos 对中国人有偏见，不太友善	3	 6.98%
Outros 其他 [详细]	0	 0%
本题有效填写人次	43	

Segundo Berry (1997, 26), “*national immigration and acculturation policies, ideologies and attitudes in the dominant society, and social support*” também contribuem para a aculturação dos imigrantes na sociedade dominante. Na nossa pesquisa, a maior parte dos inquiridos (51,16%) acham os portugueses simpáticos e tolerantes, mas também há muitos (41,86%) que acham que os portugueses são educados, mas que ainda existe uma distância entre as duas partes. 6,98% dos inquiridos acham que os portugueses são preconceituosos em relação aos chineses e que não são simpáticos.

Tabela 21. Alguma vez foi alvo de discriminação?

选项 #	小计#	比例
Sim, devido à raça, barreira linguística, etc.有, 如种族、语言等	16	 37.21%
Não, são bastantes tolerantes e simpáticos 没有, 当地人很友好	12	 27.91%
Não sei, uma vez que é difícil de definir atos de discriminação说不清	15	 34.88%
本题有效填写人次	43	

Segundo Berry (2006, 322), a discriminação quando percebida influencia fortemente as escolhas de adaptação. Quando existe menos discriminação, os imigrantes têm maior probabilidade de escolher a estratégia de integração; quando existe mais discriminação, têm maior probabilidade de escolher a estratégia de marginalização, ou de separação. Portanto, este item serve para conhecer quantos inquiridos foram alvo de discriminação e se esta experiência influencia a identidade cultural e a escolha das estratégias de aculturação. Na pesquisa, 16 dos inquiridos (37,21%) foram alguma vez alvo de racismo e 12 (27,91%) nunca tiveram essa

experiência. No entanto, 15 (34.88%) não sabem se foram discriminados ou não uma vez que às vezes é difícil de definir esses atos.

Tabela 22. Pretende voltar para a China no futuro?

选项 #	小计#	比例
Não, vou instalar-me em Portugal 完全没有, 我会定居葡萄牙 [详细]	9	 20.93%
Provavelmente 有可能 [详细]	26	 60.47%
Volto certamente para a China 一定会回中国发展 [详细]	5	 11.63%
Se calhar, vou para outros países 可能去其他国家发展 [详细]	3	 6.98%
本题有效填写人次	43	

Na China, existem duas expressões idiomáticas, “落叶归根 (*Luo Ye Gui Gen*)” e “落地生根 (*Luo Di Sheng Gen*)”. A primeira quer dizer que “as pessoas que vivem noutra terra voltam à sua terra natal, como as folhas caem ao pé da árvore”, enquanto a segunda, “*Luo Di Sheng Gen*”, quer dizer “as pessoas estabelecem-se num sítio”. As duas expressões idiomáticas referem-se aos dois tipos de imigrantes, um que se identifica como um viajante na sociedade acolhedora e o outro adapta-se a ela (Cai 2004, 5). Por isso, através da escolha entre estes dois tipos, posso descobrir a atitude dos inquiridos em relação à identidade cultural. Em relação ao futuro, nove dos inquiridos pretendem instalar-se em Portugal, 26 provavelmente voltam para a China, cinco voltam certamente para a China e três decidem ir para outros países.

No presente capítulo foram apresentados a metodologia, o instrumento e o procedimento, as questões inquiridas, bem como os resultados da pesquisa, incluindo a elaboração e a distribuição do questionário, a recolha de dados e a produção das tabelas. Os resultados do questionário, juntamente com a teoria do primeiro capítulo, servem para a análise da identidade cultural e as escolhas das estratégias de aculturação.

Em resumo, os resultados do questionário revelam que a maioria dos participantes é relativamente jovem, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos e vêm das regiões litorais da China. Na sua opinião, acham os portugueses simpáticos para com os chineses, mas

o maior obstáculo encontrado na sociedade dominante são as diferenças culturais. Os pais deles dão importância à educação da língua e cultura chinesa, e a grande maioria dos imigrantes da geração 1.5 ainda mantêm culturalmente uma identidade chinesa. Embora tenham mais contato com a cultura chinesa na vida, a maioria escolhe a estratégia de integração na sociedade. Alguns ainda ficam confusos com a sua identidade cultural e a minoria passa a ter uma identidade portuguesa.

Capítulo III - Discussão.

Neste capítulo, serão analisadas as características da identidade cultural dos imigrantes chineses de geração 1.5 em Lisboa e as possíveis razões.

De acordo com os resultados do Capítulo II, 72,09% dos imigrantes chineses identificam-se mais com a cultura chinesa, 6,98% optam pela identidade cultural portuguesa e 20,93% não sabe qual é exatamente a sua identidade cultural (cf. tabela 15, cap. II). Na minha opinião, a identidade de um indivíduo é marcada explicita ou implicitamente pelas culturas com que teve contato. Neste caso, como resultado da vivência de muitos anos em ambos os países, os imigrantes chineses absorvem certamente características das duas culturas. Portanto, a identidade cultural acaba por ser uma mistura das duas, a questão é qual das duas culturas exercerá maior influência.

3.1 Identidade Cultural Predominantemente Chinesa

A maioria dos imigrantes chineses desta geração identifica-se mais com a cultura chinesa. Considero que há cinco razões possíveis.

Em primeiro lugar, a cultura chinesa é uma das quatro civilizações mais antigas do mundo, a forte herança possibilita a continuação da identidade cultural dos imigrantes. A cultura chinesa, que se mantém há milénios, caracteriza-se pela riqueza, inclusão e diversidade. Essas características permitem que os imigrantes chineses continuem com a identidade cultural chinesa mesmo quando estão inseridos na sociedade portuguesa. Em seguida, antes da emigração, a geração 1.5 de imigrantes nasceu e viveu alguns anos na China, o que fornece a base para que estes assumam culturalmente a identidade chinesa. Diferente da primeira geração de imigrantes, a geração 1.5 não toma a decisão de imigração por si própria, razão pela qual não necessariamente se identifica com a cultura portuguesa. Aliás, devido a poucos anos de residência em Portugal, talvez ainda não comecem a assumir uma identidade cultural portuguesa. E a barreira linguística pode dificultar não só a comunicação como também a compreensão da cultura portuguesa.

Em segundo lugar, a comunidade chinesa em Lisboa oferece uma plataforma onde se pode manter a sua identidade cultural. Em Lisboa, concentram-se muitos imigrantes chineses, várias associações comerciais, industriais, culturais, artistas e religiosas (Ning 2012, 32), lojas, supermercados e empresas chinesas, clínicas de medicina tradicional chinesa e escolas que ensinam a língua e a cultura chinesa. Esses estabelecimentos podem responder a muitas demandas da vida quotidiana, e as associações chinesas realizam várias atividades culturais para enriquecer a vida dos imigrantes. Com o crescimento da população chinesa em Lisboa, o bairro da Mouraria passa a ser um centro onde se encontram mais lojas e imigrantes chineses, razão pela qual é conhecida como “Chinatown” (Clemente, 2011). Em relação à sociedade portuguesa, a comunidade chinesa funciona como uma “sociedade pequena” onde muitas demandas materiais e espirituais podem ser atendidas. Como já foi referido no primeiro capítulo, a comunidade chinesa é coesa e tem um espírito de interajuda, assumindo um papel importante na aculturação do imigrante na sociedade (Santos 2011, 46), mas a desvantagem é que muitos imigrantes costumam ficar nesta comunidade fechada e raramente têm contato com o mundo exterior. Exemplos disso são as suas escolhas nas relações sociais: dentre os 31 participantes com esta identidade, há muito mais imigrantes a trabalhar em empresas chinesas do que em empresas portuguesas (tabela 23). Quanto à frequência de usar o português no quotidiano, o valor médio é de 3,94 (tabela 24), mais baixo do que o valor médio total (cf. gráfico 1, cap. II), ou seja, participantes com esta identidade cultural usam menos o português do que o total. Relacionam-se mais com os amigos chineses, e quando têm dificuldades, a primeira escolha é recorrer à ajuda dos amigos chineses em Portugal (tabela 25). Os imigrantes chineses, para os portugueses, são estrangeiros, mas para a comunidade chinesa são conterrâneos. Ali, podem interagir sem barreiras linguísticas nem diferenças culturais, o que lhes permite sentir uma pertença cultural. No que diz respeito às diferenças culturais, os participantes consideram a diferença dos valores e dos comportamentos entre duas culturas a maior dificuldade no processo de aculturação (tabela 26). Isso quer dizer que a maioria dos imigrantes ainda não conhece bem a cultura portuguesa, e as diferenças culturais fazem com que algumas pessoas prefiram ter mais contato com a cultura chinesa. Além disso, a geração 1.5 de imigrantes vive em Lisboa com a família, dentro da qual mantêm-se os costumes e tradições da cultura chinesa. Os pais falam chinês com os filhos em casa, e dão mais importância à educação da

língua e cultura chinesa (65%) do que os pais dos restantes participantes (tabela 27).

Tabela 23. Qual é a sua profissão?

选项 #	小计#	比例
Estudante 学生	6	19.35%
Empregado de empresa portuguesa 葡萄牙公司员工	3	9.68%
Empregado de empresa chinesa 华人公司员工	10	32.26%
Proprietário 个体业主	10	32.26%
Não tenho um trabalho fixo 无固定工作	4	12.9%
Outros 其他 [详细]	2	6.45%
本题有效填写人次	31	

Gráfico 3. Na interação com os amigos, a família, os colegas, qual é a frequência de usar português?

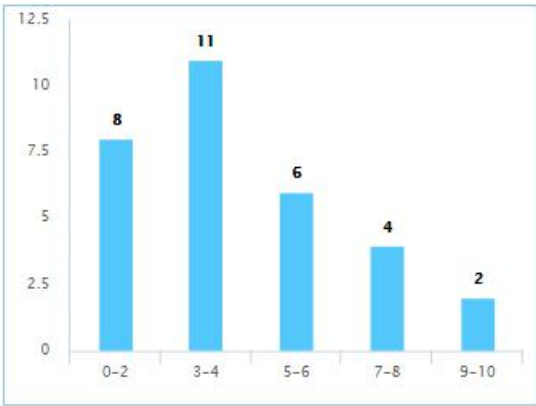


Tabela 25. Quando tem dificuldades e precisa de ajuda, o que vai fazer?

选项 #	小计#	比例
Tentar resolver por si próprio 自己想办法 [详细]	14	<div><div></div></div> 45.16%
Pedir ajuda aos familiares e aos amigos que estão na China 找在中国的亲戚朋友 [详细]	5	<div><div></div></div> 16.13%
Pedir ajuda aos amigos chineses em Portugal 找在葡萄牙认识的华人朋友 [详细]	16	<div><div></div></div> 51.61%
Pedir ajuda aos amigos, colegas, professores portugueses ou ao governo 找葡萄牙当地的朋友、老师、同学、政府或有关机构 [详细]	9	<div><div></div></div> 29.03%
Outros 其他 [详细]	3	<div><div></div></div> 9.68%
本题有效填写人次	31	

Tabela 26. Quais são mais difíceis de se adaptar no processo de aculturação?

选项 #	小计#	比例
Diferenças de comida 饮食习惯	2	<div><div></div></div> 6.45%
Diferenças de hábitos e costumes 地方风俗	4	<div><div></div></div> 12.9%
Diferenças de valores e de ações dos povos 文化价值观、行为方式差异	23	<div><div></div></div> 74.19%
Outros 其他 [详细]	3	<div><div></div></div> 9.68%
本题有效填写人次	31	

Tabela 27. Qual é a atitude dos seus pais em relação à educação da língua e cultura chinesa?

选项 #	小计#	比例
Indiferente, acham que não é necessário aprender a língua e cultura chinesa 不重视，甚至认为没必要学习中国语言文化 [详细]	0	<div><div></div></div> 0%
Indiferente, os filhos podem estudar ou não, não é preciso ensiná-los de propósito 无所谓，可学可不学，没必要刻意培养 [详细]	11	<div><div></div></div> 35.48%
Dão alguma importância, lembram sempre os filhos de que têm raiz chinesa e até levam os filhos para a escola de língua chinesa 比较重视，会提醒自己是中国根，甚至送孩子去中文学校就读 [详细]	14	<div><div></div></div> 45.16%
Dão muita importância, até exigem falar chinês em casa e ler poesia chinesa desde criança 非常重视，甚至要求在家必须讲中文、从小要求背诵古诗词 [详细]	6	<div><div></div></div> 19.35%
本题有效填写人次	31	

Em terceiro lugar, os avanços tecnológicos da Internet quebram as barreiras geográficas entre a China e Portugal. Com apenas um telemóvel e um computador, a geração 1.5 que vive em Portugal pode facilmente acompanhar as novidades e notícias sobre a China, e manter contato com amigos através das redes sociais. Um bom número de livros digitais, filmes e telenovelas estão disponíveis *online*. Desta maneira, a ligação com a cultura chinesa, em vez de ser rompida, fica mais intensa. Os participantes afirmam também que preferem ler notícias, ver novelas e filmes em chinês e não em português.

Em quarto lugar, a China está a tornar-se uma potência mundial. Não há dúvida de que quando escolhem uma identidade cultural, os indivíduos tomam em consideração não apenas a cultura, como também o país ao qual ela pertence. Afinal, a cultura está associada intimamente ao país. A área e a população da China é muito maior do que a de Portugal, e, com o rápido desenvolvimento da China, a economia e a sociedade da China é muito melhor do que a de Portugal, e a qualidade de vida dos chineses tem aumentado muito nos últimos anos, o que afeta a escolha dos imigrantes, pois do ponto de vista do desenvolvimento pessoal, a China tem certamente maior mercado de trabalho do que Portugal. Portanto, nem todos os imigrantes chineses pretendem estabelecer-se permanentemente em Portugal, de facto, apenas 22,58% dos participantes afirma que pretende instalar-se em Portugal, enquanto que a maioria pensa em voltar para a China no futuro. Por isso, talvez alguns destes imigrantes não têm muita vontade de conhecer e identificar-se com a cultura portuguesa uma vez que não pretendem morar aqui por um longo período (tabela 28).

Tabela 28. Pretende voltar para a China no futuro?

选项 +	小计 +	比例
Não, vou instalar-me em Portugal 完全没有, 我会定居葡萄牙 [详细]	7	 22.58%
Provavelmente 有可能 [详细]	17	 54.84%
Volto certamente para a China 一定会回中国发展 [详细]	5	 16.13%
Se calhar, vou para outros países 可能去其他国家发展 [详细]	2	 6.45%
本题有效填写人次	31	

Em quinto lugar, podem confundir identidade cultural com nacionalidade ou identidade genética. A nação, país e cultura são três conceitos inseparáveis, e são fáceis de ser confundidas. Alguns dos entrevistados consideram-se chineses, por terem uma aparência chinesa ou terem uma nacionalidade chinesa, e por isso, consideram-se indiscutivelmente chineses. Alguns participantes escolheram a identidade cultural predominantemente chinesa, porque confundiram este conceito com nacionalidade e identidade genética. Também é possível alguns confundirem identidade cultural com identidade étnica. Consideram ter uma identidade cultural “mais” chinesa porque têm uma raiz chinesa.

3.2 Identidade Cultural Predominantemente Portuguesa

A minoria (6,98%) dos participantes teria uma identidade cultural “mais” portuguesa. Na minha opinião, as causas podem ser analisadas da parte portuguesa e da parte chinesa.

Em primeiro lugar, a cultura do país de origem permite a mudança de identidade cultural. São várias as causas que influenciam a identidade cultural, as quais não só residem na sociedade acolhedora, como também na sociedade de que os migrantes saíram, ou seja, é necessário considerar a atitude da cultura do país de origem em relação à mudança de identidade cultural. De acordo com os resultados do questionário, a maioria dos imigrantes em Portugal provém das províncias de Zhejiang, Fujian e Shandong (cf. tabela 3, cap. II), as quais possuem algumas particularidades. Situando-se na zona litoral, estas províncias têm condições geográficas favoráveis ao intercâmbio; mesmo na fase isolacionista do governo, estas províncias nunca suspenderam a interação com o mundo. Até na China, diferenciam-se doutras regiões, sendo as províncias de Zhejiang e Fujian chamadas de “*hometown of overseas Chinese*” (People’s Daily Online, 2018; Chaw 2008, 341-343).

Durante séculos, de lá saíram inúmeros chineses rumo ao mundo. Para os nativos de Zhejiang e de Fujian, sair do país é apenas uma escolha em vez de uma separação dolorosa (na cultura tradicional chinesa, sobretudo no interior da China, o povo tem um profundo amor

à sua terra natal e não quer afastar-se dela). Diferentes dos casos anteriores, historicamente, na província de Shandong ocorreram vagas migratórias chamadas “闯关东 (*Chuang Guan Dong*)” (Zhang 1998,57). A cidade de Shandong está localizada nas planícies e conta com um grande crescimento da população. Quando a terra não conseguia produzir alimentos suficientes para as pessoas, os antepassados corajosos optaram por ir a Nordeste¹⁴ à procura de uma vida melhor, onde tinham muitas terras e poucos habitantes, portanto, o povo desta região não detesta a migração. Aliás, como Shandong fica perto do Japão e da Coreia do Sul, e têm tido vários intercâmbios culturais entre eles, os naturais dessa província aceitam bem as diferenças culturais.

De forma geral, os fatores que influenciam a identidade cultural devem ser vistos não apenas da parte portuguesa, a sociedade acolhedora, mas também da parte chinesa, sociedade de onde emigraram. Através do retrato acima, a geração 1.5 de imigrantes chineses cresceu num contexto que não rejeita a diversidade e a pluralidade cultural, o que afeta, em grande parte, a sua escolha de identidade cultural. Os resultados do questionário também apontam que 33,3% dos participantes deste tipo optou pela estratégia de assimilação e 66,7% de integração (tabela 29). Pode-se dizer que os chineses que se identificam com a cultura portuguesa tendem a escolher estratégia de assimilação e de integração no processo de aculturação, ou seja, os que optam por assimilar-se ou integrar-se na sociedade acolhedora estão dispostos a conhecer e a identificar-se com a cultura portuguesa.

Tabela 29. Qual é a sua atitude em relação à cultura chinesa e portuguesa?

¹⁴ A região Nordeste da China, também era chamada como Guandong (关东) durante a invasão japonesa da Manchúria. É composto pelas províncias de Heilongjiang, Jilin e Liaoning.

选项	小计	比例
Assimilação: Reconheço a cultura chinesa, mas prefiro abandonar a cultura chinesa e integrar-me na cultura portuguesa被葡萄牙文化同化	1	33.33%
Integração: Acho muito importante a cultura chinesa, mas gosto de lidar com os outros grupos, aprender e conhecer a cultura deles既接受葡文化, 又保留中国文化	2	66.67%
Separação: Acho muito importante a cultura chinesa, e prefiro isolar-me nessa cultura, e espero evitar o contato com os portugueses倾向多和华人来往, 避免和葡人接触	0	0%
Marginalização: Não conheço bem nenhuma das culturas. Por isso, acho que não pertencem a comunidade chinesa, nem à sociedade portuguesa边缘, 我觉得自己不属于任何一方	0	0%
本题有效填写人次	3	



Figura 3. Mapa da China (King e Cole 2008).

E segundo lugar, o bom domínio da língua portuguesa contribui para a identidade da cultura portuguesa. Entre os inquiridos deste tipo, 33,3% já é falante experiente (correspondente ao nível C2) e 66,7% já é usuário independente da língua portuguesa (correspondente ao nível B2) (tabela 30). Como se sabe, a língua faz parte da cultura, por isso, um bom domínio da língua portuguesa contribui muito para compreender e identificar a cultura de uma pessoa.

Tabela 30. Qual é o seu nível de língua portuguesa?

选项 +	小计 +	比例
Utilizador experiente (fluente estruturado) C2 如同当地人	1	 33.33%
Utilizador experiente (fluente eficaz) C1 应用自如	0	 0%
Utilizador independente B2 独立使用者	2	 66.67%
Utilizador intermédio B1 中级使用者	0	 0%
Utilizador elementar A1-A2 基本的交流	0	 0%
Não sei português A0 完全不会	0	 0%
本题有效填写人次	3	

Em terceiro lugar, Portugal tem sido um país recetivo com estrangeiros, e o povo português está de braços abertos para as várias culturas diferentes. Do ponto de vista histórico, os povos celto, romano, germânico e mouro habitaram no território português nas diferentes épocas da história. Esses povos deixaram descendentes aqui, a cultura deles exerceu influência na cultura portuguesa. Entretanto, Portugal não só recebia a cultura passivamente, como também explorava o mundo ativamente. Sendo o primeiro país europeu a iniciar a expansão marítima, Portugal no século XV era um dos maiores países navegadores do mundo. Em Lisboa, encontravam-se intelectuais ou comerciantes de origem judaica, os negros de África bem como as especiarias, panos e açúcar importados do exterior (Crowley 2015, 51-52). Portanto, na minha opinião, os portugueses já estão habituados à mistura de povos e à fusão das culturas.

Conforme as estatísticas da Pordata¹⁵, em 2017, a população estrangeira com estatuto

¹⁵ A Pordata é uma base de dados sobre o Portugal contemporâneo com estatísticas oficiais e certificadas sobre

legal de residente chegou a 416 682 indivíduos (Pordata, 2018), e a população estrangeira que adquiriu nacionalidade portuguesa chegou a 18 022 indivíduos (*ibid.*), o que quer dizer que a população total dos imigrantes atingiu os 434 704 indivíduos. E a população total de Portugal, em 2017, era de 10 300 300 (*ibid.*). Neste caso, a população total de imigrantes ocupa 4,22% da população total do país. Para esses imigrantes, a política de diversidade cultural contribui para criar um ambiente favorável para eles. Na educação, a escola dá muita importância à “integração de alunos de diferentes nacionalidades, culturas, etnias ou religião, na sala de aula” (Rodrigues 2013, V), e esta medida “está a ser feita de modo muito positivo nas escolas” (*ibid.*). A geração 1.5 dos imigrantes chineses vêm na idade escolar, e precisam de continuar os seus estudos nas escolas locais, portanto, a atitude dos professores e dos colegas afeta, em grande parte, a identidade cultural; tal como afirma Bauman: “os seres humanos são o que lhes é ensinado” (*apud* Eagleton 2000, 52). Aliás, esta geração ainda está em crescimento e numa fase da formação dos valores, atitudes e identidade. E um ambiente amigável e uma educação que promove a inclusão, a diversidade cultural e a tolerância facilita bastante a formação de uma identidade cultural “mais” portuguesa. Os resultados do meu questionário também revelam que a escola desempenha um papel positivo na integração ou na assimilação dos jovens imigrantes na sociedade (cf. gráfico 2, cap. II). E pode-se ver na tabela 20 que, na opinião dos participantes do questionário, a esmagadora maioria de portugueses é simpática, tolerante e educada. A gentileza e o respeito do povo português fazem com que os imigrantes chineses tenham vontade de abraçar a cultura portuguesa.

Em quarto lugar, diferente da “Chinatown” em São Francisco, a qual já é uma cidade autossuficiente separada (Wong 2015,147-151), possibilitando aos imigrantes chineses que vivem lá manter completamente a identidade cultural chinesa, a comunidade chinesa não é um grupo bem isolado em Lisboa. Embora no seio da comunidade os imigrantes mantenham os costumes e o estilo de vida tradicionalmente chinês e se comuniquem utilizando apenas a língua chinesa entre si, a geração 1.5 dos imigrantes ainda precisa de conviver com a sociedade

o país e a Europa, dividida num amplo conjunto de temas como a população, educação, saúde, entre outros.

estrangeira e lidar com os habitantes locais. Portanto, é natural que eles passem a ser “aportuguesados” em diferentes graus.

Por fim, a identidade cultural é algo que está sempre a mudar. Na medida em que a geração 1.5 dos imigrantes chineses conhece cada vez mais a cultura portuguesa, torna-se mais possível a sua identificação com ela. No entanto, é o resultado dos esforços feitos por parte chinesa e portuguesa, e podem ser influenciados por vários fatores.

3.3 A Crise de Identidade Cultural

Nos capítulos anteriores, foram abordadas as características e as possíveis razões de imigrantes que têm uma identidade cultural “mais” chinesa ou portuguesa. No entanto, existe 20,93% dos participantes que sofrem de perda de identidade cultural. A meu ver, o fenómeno deve ser analisado primeiro a partir das características da geração 1.5 dos imigrantes chineses. Segundo o psicólogo Erik Erikson, os adolescentes estão numa etapa em que pode ocorrer uma confusão de identidade, devido ao crescimento físico, ao amadurecimento sexual e à construção individual do conceito de si mesmo (Erikson 1950, 234-235). A maioria da geração 1.5 de imigrantes está ou vai passar por esta etapa, na qual é fácil gerir uma crise de identidade. Aliás, os imigrantes desta geração saem duma cultura antiga e entram subitamente numa cultura nova, não só é um processo de aculturação, mas também um processo de procura de nova identidade cultural. Este processo varia de pessoa para pessoa, para algumas pessoas é uma fase curta e é fácil de ultrapassar, enquanto que para outras é uma fase muito dolorosa. Por isso, a sobreposição destes dois fatores na mesma pessoa faz com que seja possível que os jovens imigrantes sofram de crise de identidade. Quando Yang analisa a geração 1.5 dos imigrantes coreanos em São Paulo aponta também que a expressão “crise de identidade” tem sido acompanhada pelo termo geração 1.5 (Yang 2011, 39).

Além disso, a identidade cultural é influenciada pela cultura com que os indivíduos

têm constantemente contato. No caso da geração 1.5 dos imigrantes chineses, a influência vem de duas partes: da cultura dominante em que se insere após a imigração, e da cultura de origem em que se inseria antes da emigração e que se insere no seio da família e da comunidade chinesa em Portugal. Perante as duas culturas, é necessário fazer uma escolha na construção da identidade cultural. Na minha opinião, o fenómeno de crise de identidade cultural reflete o facto de que alguns imigrantes ainda não sabem como se adaptar e estão à procura da sua identidade cultural, ou ainda não determinaram a sua estratégia de aculturação, precisando de mais tempo para escolher a sua identidade cultural.

Tomando em consideração os dois pontos referidos anteriormente, estes imigrantes chineses da geração 1.5 ainda não possuem um conhecimento integral sobre a identidade cultural de qualquer um dos países. Para assumir culturalmente a identidade cultural de um grupo, é necessário ter um conhecimento global deste. Mas para a geração 1.5 o tempo de vivência não é o suficiente para permitir-lhes conhecer profundamente a cultura chinesa, e após a imigração, a maioria deles ainda não são capazes de conhecer profundamente a cultura portuguesa. A geração 1.5 é diferente da primeira e da segunda geração: a primeira consiste nas pessoas que emigraram depois de adultos, quando já haviam acabado a educação chinesa por muitos anos, e já possuíam um conhecimento “integral” da cultura chinesa. Ao mesmo tempo, têm maturidade mental e experiência social vasta. Normalmente, os imigrantes da primeira geração optaram, eles próprios, por ir para outro país e começar uma nova vida. Embora sofram um choque cultural, são capazes de abraçar o desafio e podem escolher a estratégia de aculturação, e construir constantemente a sua identidade cultural. A segunda geração nasce e cresce já na sociedade acolhedora, frequenta escolas locais desde pequena, e é provavelmente mais influenciada pela cultura portuguesa. Quanto aos imigrantes da geração 1.5, vieram adolescentes, e perante a barreira linguística e o choque cultural, têm que viver entre dois mundos. Chegaram a Portugal antes de conhecerem bem a cultura chinesa, e, sendo “estrangeiros”, ainda não estão bem integrados ou aceitos pela sociedade local. Tudo isso provoca um sentimento de não pertencer a nenhuma das culturas. Além disso, como já foi referido antes, esta geração está numa etapa da vida em que é normal ter uma crise de identidade. A sobreposição desses dois fatores deixa-os num *status* em que duas culturas estão

a afetá-los de forma diferente. Por exemplo, a escola e a sociedade portuguesa influenciam de forma portuguesa, enquanto a comunidade chinesa e os pais deles exercem uma influência de forma chinesa. As influências culturais existem na mesma pessoa, “puxando-as” em diferentes direções. Mas, a meu ver, à medida que o tempo passa, este equilíbrio subtil será quebrado, talvez por mudança de alguns fatores do mundo exterior. E o indivíduo cuja identidade cultural está num *status* ambíguo terá tendência para escolher uma identidade cultural específica.

Este é um *status* comum, quer dizer, quando a cultura em que se insere muda e existe a possibilidade de um indivíduo não perder a antiga identidade cultural, mas ainda assim não sabe qual é a sua nova identidade. Neste contexto, qualquer fator pode fazê-lo identificar-se mais com a nova cultura, ou voltar à antiga.

No entanto, além de abordar as características identitárias assumidas pela geração 1.5 dos imigrantes chineses, descobri um fenómeno interessante em que, em alguns casos, existia um desvio entre a situação real de identidade cultural e a autoidentificação cultural dos inquiridos. Por exemplo, alguns consideram ter uma identidade cultural, mas na verdade não têm muito conhecimento sobre a parte substancial dessa cultura, e não mantêm as tradições e costumes dessa cultura. Quando questionados “acha que assume culturalmente mais a identidade chinesa ou portuguesa” (cf. tabela 15, cap. II), 72,09% dos inquiridos assumem culturalmente a identidade chinesa. Entretanto, quando se referem aos valores, crenças e costumes da cultura chinesa, 81,4% têm pouco conhecimento sobre essa cultura, 4,65% admite que não possui quase nenhum conhecimento e só 13,95% conhece muito bem a cultura chinesa (cf. tabela 5, cap. II). Dentre os 31 participantes que assumem culturalmente a identidade chinesa, 80,65% admite conhecer um pouco da cultura chinesa, e apenas 12,9% conhece muito bem dela (tabela 31).

Tabela 31. A que nível conhece a história e a cultura, as tradições e os costumes da China?

选项 #	小计#	比例
Conheço um pouco 了解一些	25	80.65%
Quase não conheço 基本不了解	2	6.45%
Conheço muito bem 非常了解	4	12.9%
本题有效填写人次	31	

O mesmo fenómeno acontece aos participantes que afirmam assumir culturalmente a identidade portuguesa (tabela 32).

Tabela 32. A que nível conhece a história e cultura, as tradições e os costumes de Portugal?

选项 #	小计#	比例
Quase não conheço 基本不了解	0	0%
Conheço um pouco 了解一些	3	100%
Conheço muito bem 非常了解	0	0%
本题有效填写人次	3	

É possível concluir que os participantes deste questionário não têm um conhecimento integral profundo sobre a cultura chinesa nem sobre a cultura portuguesa, o que corresponde aos estudos anteriores. É possível explicar as causas.

Em primeiro lugar, como já referido no Capítulo I, “*a culture can be bisected into surface culture and deep culture*” (Holtzman e Sharpe 2014, 17). De acordo com um estudo sobre a adaptação cultural dos expatriados, as diferenças culturais dividem-se em “*surface-level cultural differences*” e “*deep-level cultural differences*”, em que o “*surface-level cultural differences*” são as características culturais mais observáveis e detetáveis, como a comida e o clima, e “*deep-level cultural differences*” referem-se às características culturais menos visíveis e dificilmente alteradas (Van et al. 2004, 698). Neste sentido, o tipo de cultura que a geração 1.5 de imigrantes chineses predominantemente se identifica é a chamada “*surface culture*”, a qual inclui a comida, a música e os festivais, etc. (*ibid.*, 17).

Como afirma Magnell, “*cultural identity is typically drawn terms of surface culture, and it is not hard to see why. As the phenomena of culture, cultural practices are what people are directly aware of*” (Magnell 2010, 76). E as diferenças culturais menos visíveis e dificilmente alteradas, tais como as crenças e valores, são a parte menos identificada (*ibid.*, 17). Portanto, uma possível razão reside em que cada pessoa dispõe de uma compreensão própria sobre a identidade chinesa. Alguns consideram ter uma identidade cultural chinesa simplesmente porque gostam de ler novelas chinesas, ver filmes e episódios chineses ou de provar a gastronomia chinesa. No entanto, a identidade cultural é mais abrangente do que a maioria das pessoas costuma pensar.

Os imigrantes que chegaram a Portugal adolescentes, e continuaram os seus estudos nas escolas portuguesas, normalmente possuem o mesmo nível de conhecimento sobre a cultura chinesa que tinham quando imigraram. Depois da chegada a Lisboa, tentam manter o estilo de vida chinês, e estar relacionados culturalmente com a China, mas apenas o conseguem fazer a um nível superficial. Por exemplo, manter o contato com parentes e amigos na China, ler notícias e ver programas de TV chineses e sair com amigos chineses. Mesmo na escola de língua chinesa, ensinam mais a língua e a cultura de maneira superficial, e pouco da cultura mais profunda. As atividades culturais realizadas pelas instituições chinesas são sobretudo danças e canções tradicionais, a fim de que todos possam divertir-se e fortalecer relações entre si.

Quanto à educação familiar, os pais da geração 1.5 de imigrantes estão ocupados com o trabalho e não têm muito tempo de os acompanhar. Além disso, a primeira geração de imigrantes geralmente tem um baixo nível de formação académica, e já estão fora do país de origem há muitos anos, portanto, eles próprios talvez não tenham uma compreensão clara e abrangente da cultura chinesa. Neste caso, os pais da geração 1.5 de imigrantes chineses, apesar de ter vontade de ensinar mais a língua e cultura chinesa aos filhos, muitas vezes não conseguem realizar isso.

Como foi referido no Capítulo I, “perda de laços familiares e falta de apoio no crescimento, expectativas parentais e sociais divergentes do grupo de pares; dificuldades em lidar com a mudança; falta de laços sociais exteriores à família” (Costa 1991, 37), todas as situações referidas contribuem para uma crise de identidade neste período. Portanto, é normal os imigrantes jovens estarem neste *status*. Creio que com o passar do tempo irão encontrar a sua identidade cultural.

Em relação àqueles que assumem uma identidade culturalmente portuguesa. Pode-se ver que os participantes demonstram uma preferência pela cultura portuguesa e têm vontade de se aporuguesar. Mas ainda lhes falta a compreensão profunda sobre a cultura e este desejo de integração é motivado, em alguns casos, por fins económicos. Entende-se assim que há duas possíveis razões que podem justificar esses comportamentos: primeiro, como já foi dito anteriormente, a cultura é composta pela cultura “superficial” e pela cultura “profunda”, e a última é mais difícil de conhecer e aprender pois exige convivência e interação com os locais a longo prazo. Segundo, os chineses costumam sentir uma atração por tudo o que é ocidental (Huang, 2010). Por exemplo, as mulheres chinesas gostam de namorar homens europeus ou americanos, e o povo chinês prefere comprar produtos de marcas estrangeiras (Nóbrega, 2013). Na China, o povo local sempre associa morar na Europa com o glamour: as pessoas são normalmente bem-educadas e bem vestidas, as ruas estão limpas e os alimentos são seguros. O estilo de vida europeu significa uma melhor qualidade de vida e uma identidade cultural europeia parece superior à oriental. Portanto, alguns imigrantes chineses, devido à vaidade na adolescência e juventude, optaram pela identidade cultural “mais” portuguesa, mesmo que ainda não a conheçam realmente. E, assim, costumam fazer um esforço para serem cada vez mais integrados.

Em suma, a maioria dos inqueridos da geração 1.5 dos imigrantes chineses em Lisboa assume culturalmente uma identidade chinesa, outros assumem culturalmente uma identidade portuguesa, alguns sofrem uma crise de identidade.

Conclusão

O presente trabalho procurou aprofundar um pouco mais o tema da identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses, acerca do qual a investigação ainda é escassa. A pesquisa foi realizada usando a abordagem quantitativa e o questionário foi o método escolhido para quantificar os resultados. De acordo com a pesquisa, a geração 1.5 dos imigrantes chineses é inevitavelmente influenciada tanto pela cultura chinesa, quanto pela cultura portuguesa, devido aos muitos anos de vivência em ambas as culturas, e assim podemos constatar a existência de situações distintas na apreensão pelos mesmos da própria identidade.

Na minha opinião, existem cinco fatores que explicariam uma identidade cultural predominantemente chinesa no seio dessa geração. Em primeiro lugar, a cultura chinesa é uma das quatro civilizações mais antigas do mundo, a forte herança possibilita a continuação da identidade original ou primeira dos imigrantes. Em segundo lugar, a comunidade chinesa em Lisboa oferece uma plataforma onde se pode manter a sua cultura, através da repetição de hábitos e a partilha continuada de valores próprios. Em terceiro lugar, os avanços tecnológicos da Internet quebram as barreiras geográficas entre a China e Portugal, fazendo com que a ligação entre eles e a cultura chinesa fique mais intensa ainda. Em quarto lugar, a China está a tornar-se uma potência mundial, tornando os imigrantes chineses orgulhosos das suas raízes, sendo que alguns pretendem até voltar para a China à procura de emprego. Em quinto lugar, os imigrantes podem confundir a identidade cultural com a nacionalidade ou a identidade genética, e considerarem-se chineses por terem uma aparência chinesa ou terem nacionalidade chinesa.

No caso em que os resultados apontam para uma identidade cultural predominantemente portuguesa, os inquiridos vêm maioritariamente das regiões litorais da China, cujas culturas são mais abertas e permitem alterações na sua identidade cultural. O bom domínio da língua portuguesa desses imigrantes contribui para uma aproximação

melhor à cultura portuguesa. Além disto, Portugal tem sido um país recetivo a estrangeiros, e o povo português está de braços abertos para culturas diferentes. Por fim, a comunidade chinesa é uma minoria em relação à sociedade dominante em Lisboa e, portanto, é inevitável ser influenciado pela cultura do país de chegada.

Alguns sofrem crise de identidade cultural, porque os adolescentes estão numa etapa em que pode ocorrer confusão de identidade, e o processo de aculturação também é um processo de procura de um lugar na sociedade em que o indivíduo acabou por se inserir. Por isso, a sobreposição da cultura de partida e da cultura de chegada no mesmo indivíduo faz com que seja difícil os jovens imigrantes autodefinirem-se melhor. A identidade é suscetível de ser modificada pela influência de outras culturas com que o indivíduo tem constantemente contato. Perante duas culturas, alguns imigrantes ainda não sabem como se adaptar e estão à procura do seu caminho.

Aliás, descobri um fenómeno interessante: em alguns casos, existia um desvio entre a situação real de identidade cultural e a autoidentificação dos inquiridos. Possivelmente, porque cada pessoa tem uma compreensão própria sobre a identidade cultural, e às vezes acham que assumiram totalmente uma cultura, mas, na verdade, conhecem apenas a parte superficial desta. De facto, a maioria dos participantes conhecem apenas a parte superficial da cultura chinesa e da cultura portuguesa, o que concorda com estudos anteriores.

Em relação a estes, nos quais a investigação sobre a identidade cultural da geração 1.5 dos imigrantes chineses é escassa e é geralmente incluída na pesquisa sobre a segunda geração, creio que o presente trabalho oferece uma visão mais abrangente e detalhada deste grupo, ao mesmo tempo que confirma a complexidade do tema geral da “identidade”, não sendo esta, de facto, algo unívoco ou inequívoco.

Em relação às limitações do trabalho, os itens talvez devessem ser elaborados de maneira mais específica. Por exemplo, poder-se-ia utilizar um controle deslizante com o

qual os participantes escolheriam o grau de proximidade a cada cultura, e assim o sentimento de pertença a uma ou outra estaria melhor matizado, sendo a construção da identidade, a par dos paradigmas dominantes ou influências exteriores (família, escola etc.), também um processo subjetivo. Aliás, os itens deveriam possuir mais alternativas para os inquiridos escolher ou permitir respostas não estruturadas para que os mesmos apontassem livremente o que reflete com mais justeza as suas opiniões. A confiabilidade e veracidade do questionário são pontos, portanto, que podem ser melhorados. Um número maior de entrevistados, numa proporção adequada a dados oficiais que porventura existissem relativamente a essa geração, concorreria também para tal.

A dissertação contribui para preencher uma lacuna da investigação sobre a identidade cultural e a aculturação dos imigrantes chineses em Portugal, bem como para a questão da imigração em Portugal em termos gerais. De qualquer forma, damos razão a Stuart Hall, quando este afirma que a identidade é *“a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation”* (Hall 1994, 222).

Bibliografia

Agência Lusa. 2016. “Ensino de português vai continuar a crescer na China.” *Observador*, 8 de abril de 2016. Consultado a 15 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://observador.pt/2016/04/08/ensino-portugues-vai-continuar-crescer-na-china/>

Babbie Earl. 2009. *The Practice of Social Research* (社会研究方法). 11.^a ed. Tradução do inglês para chinês por Qiu Huangqi. Beijing: Huaxia Press.

BBC. 2017. “Por que a China aposta na língua portuguesa.” *Global*, 23 de agosto, 2017. Consultado a 26 maio de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/por-que-a-china-aposta-na-lingua-portuguesa.ghtml>

Berry, John. W. 1997. “Immigration, Acculturation, and Adaptation.” In *International Association of Applied Psychology*, Vol. 46, n.º 1, 9-10. Consultado a 28 novembro de 2017. Disponível em: <http://www.ucd.ie/mcri/resources/Dermot%20Ryan%20Reading.pdf>

Berry, John. W., Phinney, Jean S., Sam, David L., & Vedder, Paul. 2006. “Immigrant youth: Acculturation, identity, and adaptation.” In *International Association of Applied Psychology*, Vol.55 (3), 303–332. Consultado a 28 novembro de 2017. Disponível em: <http://www.multiculturalmentalhealth.ca/wp-content/uploads/2013/10/dwn46726.pdf>

Cai, Chang. 2004. “Estudo da Imigração Nova: Do Ponto de Vista Sociológica.” In *A Adaptação e o Desenvolvimento do Delta do Rio das Pérolas*, editado por Gu Dingyi, Gan Zhiqiang e Rong Wancheng. Hongkkong: Associação Internacional de Educação de Hong Kong e Macau. 蔡昌. 2004. “新移民論: 社會學的見解.” *教育與課程改革: 珠三角地區的適應與發展*. 古鼎儀、甘志強和容萬城 (編).香港: 港澳兒童教育國際協會.

Caldeira, Patrícia Alexandra Marcos. 2012. *A imigração em Portugal: o português, língua de acolhimento e as problemáticas da identidade linguística e cultural*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Chaw, Charles. 2008. *China Business Guide*. Cingapura: China Knowledge Press.

Clemente, Marta. 2018. “Ruas e casas da Mouraria escondem verdadeira Chinatown”. *Diário de Notícias*, 17 de dezembro de 2011. Consultado a 22 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/sul/interior/ruas-e-casas-da-mouraria-escondem-verdadeira-chinatown-2192102.html>

Conselho da Europa. [s/d]. “Grelha de autoavaliação”. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Consultado a 22 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=090000168045bc74>

Costa, Maria Emília. 1991. *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Dissertação de mestrado. Lisboa: INIC - Instituto Nacional de Investigação Científica. Consultado a 15 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/98577>

Crowley, Roger. 2015. *征服者：葡萄牙帝国的崛起*. (*Conquerors: How Portugal Forged the First Global Empire*). Tradução do inglês para o chinês por Dapeng Lu. Beijing: Social Sciences Academic Press.

Du Chunyan, Du Yongbo e Mao Ying. 2010. “A Construção da Identidade Cultural dos Trabalhadores: Estudo de Caso Baseado na Aculturação.” *Pesquisa Turística*, 2(2), 26-29. 杜春燕, 杜永波, 毛颖. 2010. “旅游劳工移民的文化身份建构——基于文化适应视角的个案研究.” *旅游研究*, 2(2), 26-29.

Eagleton, Terry. 2000. *A ideia de cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates.

Erikson, Erik Homburger. 1950. *Childhood And Society*. New York: W. W. Norton & Co.

Erikson, Erik Homburger. 1968. *Identity: Youth and Crisis*. New York: W. W. Norton & Co.

Erikson, Erik Homburger. 1975. *Life History and the Historical Moment: Diverse Presentations*.

New York: W. W. Norton & Company.

Eurostat. 2017. "First and second-generation immigrants - a statistical overview." 27 de outubro de 2017. Consultado a 13 novembro de 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/First_and_second-generation_immigrants_-_a_statistical_overview

Farver, Jo Ann M., Sonia K. Narang, Sonia K e Bakhtawar R. Bhadha.. 2002. "East meets West: Ethnic identity, acculturation, and conflict in Asian Indian families." *Journal of Family Psychology*. Vol. 16(3), 338-350.

Fengyang, Zhang. 2016. *Os chineses em Portugal: as razões da vinda e a sua situação atual*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho.

Fonseca, Jaime Raúl Seixas. 2008. "Os Métodos Quantitativos na Sociologia: Dificuldades de Uma Metodologia de Investigação." *VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: Mundos Sociais*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Consultado a 23 dezembro de 2018. Disponível em: <http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/346.pdf>

Guimarães, Susana Raquel e José Alberto Rio Fernandes. 2009. "O comércio de origem chinesa e o espaço comercial da Varziela (Vila do Conde)." *Cadernos: Curso de Doutoramento em Geografia*, n.º 1, 189-212.

Hall, Edward Twitchell. 1959. *The silent language*. 1.ª ed. New York: Doubleday.

Hall, Stuart. 1994. "Cultural and Identity and Diaspora". In *Colonial discourse and post-colonial theory: a reader*, edited by Patrick Williams (Author), Laura Chrisman. London: Harvester Wheatsheaf. Consultado a 22 de dezembro de 2018. Disponível em: http://ls-tlss.ucl.ac.uk/course-materials/ELCS6088_74357.pdf.

Hall, Stuart. 2003. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.

Harry, Beth. 1992. *Cultural diversity, families, and the special education system: Communication and empowerment*. New York: Teachers College Press

Holtzman, Linda e Leon Sharpe. 2014. *Media messages: What film, television, and popular music teach us about race, class, gender, and sexual orientation*. New York: Routledge.

Horenczyk, Gabriel. 1997. "Immigrants' perceptions of host attitudes and their reconstruction of cultural groups." Comentário sobre "Immigration, Acculturation, and Adaptation" by John W. Berry. *Applied Psychology*, 46(1), 34-38. Consultado a 15 de dezembro de 2018. Disponível em: http://www.iaccp.org/sites/default/files/horenczyk_1997.pdf

Huang Xiangyang. "White-first' mentality still haunts many in China." *China Daily*, 25 de junho, 2010. Consultado a 15 de setembro de 2018. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2010-06/25/content_10021886.htm

Huang Weiwei. 1999. *Cultural Communication*. Vol.5. Editado por Lin Dongtai. Taipei: Chen Chung Book Co., LTD. 黃葳威. 1999. 文化傳播 (Vol. 5). 林东泰 (编). 台北: 正中書局.

Kang, Hana. 2004. *Heritage language maintenance, acculturation, and identity: Chinese and Korean 1.5 generation immigrants in New Jersey*. Dissertação de Mestrado. The Ohio State University. Consultado a 15 de dezembro de 2018. Disponível em: https://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=osu1143819278&disposition=inline

King Angela e Brad Cole. 2008. "China Map and Satellite Image." *Geology*, 2008. Consultado a 15 de Janeiro de 2019. Disponível em: <https://geology.com/world/china-satellite-image.shtml>

Lee, Christina H. 2016. "Europe's Encounter of Asia in Early Modernity." In *Western Visions of the Far East in a Transpacific Age, 1522-1657*. Editado por Christina H. Lee. New York: Routledge.

Magnell, Thomas. 2010. "Surface culture, deep culture and cultural identity." *Chinese Social Sciences Today*. (*中国社会科学报*). 24 de agosto, 2010 Consultado a 15 de dezembro de 2018.

Disponível em: <http://www.chinesefolklore.org.cn/web/index.php?NewsID=7478>

Matias, Ana. 2010. *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interacção multissecular via Macau*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.

Mendes, José Manuel Oliveira. 2002. “O desafio das identidades.” In *A globalização e as Ciências Sociais*. Organização de De Sousa Santos, Boaventura. São Paulo: Cortez Editora, 506.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4099048/mod_resource/content/1/MENDES%2C%20Jos%C3%A9%20M.%20O.%20-%20O%20desafio%20das%20identidades.pdf

Moura, Mário. 2014. “The Tea Time Has Changed in Azores.” In *European Scientific Journal*, edition Vol. 3 306. Consultado a 15 de setembro de 2018. Disponível em: <https://ejournal.org/index.php/esj/article/download/4228/4061>

Neves Céu. 2018. “Cada visto "gold" equivale a três entradas em Portugal.” *Diário de Notícias*, 28 de janeiro, 2018. Consultado a 26 maio de 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/interior/cada-visto-gold-equivale-a-tres-entradas-em-portugal-9072699.html>

Ning, Ding. 2012. *A comunidade chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho. Consultado a 22 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24071>

Nóbrega, Felipe. 2013. “Chineses Preferem os Carros de Marcas Estrangeiras.” *Folha de São Paulo*, 28 de abril, 2013. Consultado a 15 de setembro de 2018. Disponível em: <http://classificados.folha.uol.com.br/veiculos/2013/04/1269815-chineses-preferem-carros-de-marcas-estrangeiras.shtml>

Oppedal, Brit. 2006. “Development and acculturation.” In *The Cambridge handbook of acculturation psychology*, 97-112. D. L. Sam & J. W. Berry (Eds.). Cambridge: Cambridge

University Press.

Pina-Cabral, J. de. 2002. *Between China and Europe: Person, culture, and emotion in Macao*. Vol. 74. Oxford: Berg Publishers.

Plummer, Ken. 1996. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Versão brasileira editada por Outhwaite, William. Tom Bottomore, com a consultoria de Ernest Gellner, Robert Nisbet, Alain Touraine; editoria da versão brasileira, Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução por Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Zahar.

People's Daily Online. 2017. "More overseas Chinese return to China for college education." 12 de junho, 2018. Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em: <http://en.people.cn/n3/2018/0612/c90000-9470612.html>

Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. 2011. Consultado a 15 de setembro de 2018. Disponível no site: http://sefstat.sef.pt/docs/rifa_2011.pdf

Pordata. 2018. "População estrangeira com estatuto legal de residente: total e por algumas nacionalidades." Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal/População+estrangeira+com+estatuto+legal+de+residente+total+e+por+algumas+nacionalidades-24>

Pordata. 2018. "População estrangeira que adquiriu nacionalidade portuguesa: total e por principais nacionalidades anteriores." Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+que+adquiriu+nacionalidade+portuguesa+total+e+por+principais+nacionalidades+anteriores-3249>

Pordata. 2018. "População residente, média anual: total e por grupo etário." Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal/População+residente++média+anual+total+e+por+grupo+etário-10>

Pretto, Laura de. 2014. *Social identity amongst Wenzhouese migrants to Italy: Asian values adherence and bicultural possibilities*. Dissertação de Mestrado. East China Normal University.

Rodrigues, Paula Cristina Raposo. 2013. *Multiculturalismo: a diversidade cultural na escola*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus. Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3683/1/PaulaRodrigues.pdf>

Rong, Li. 2011. 移民青少年涵化心理特点及教育对策. 硕士论文 .中央民族大学 (Immigrants youth' s characteristics of acculturation psychology and strategies of education). Dissertação de Mestrado. Minzu University of China.

Rosa, Maria João Valente e Paulo Chitas. 2016. *Portugal e a Europa: os números*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Roster, Catherine A., Lorenzo Lucianetti e Gerald Albaum. 2015. “Exploring Slider vs. Categorical Response Formats in Web-Based Surveys.” *Journal of Research Practice*. Vol. 11. Consultado a 18 dezembro de 2017. Disponível em <http://jrp.icaap.org/index.php/jrp/article/view/509/433>

Rumbaut, Rubén G. 2004. “Ages, Life Stages, and Generational Cohorts: Decomposing the Immigrant First and Second Generations in the United States.” In *The International Migration Review*. Vol. 38, No. 3, Conceptual and Methodological Developments in the Study of International Migration, 1160-1170. New York: Center for Migration Studies of New York, Inc. Consultado a 3 de Dezembro de 2018. Disponível em: <https://poseidon01.ssrn.com/delivery.php?ID=493006020002126021073022084102069122023021026063030057104021115027083005029094126081096098051127025111014069075110073010123125108084075058076082125115068080004068032034070022001115114029112124017118093104080119086108120086114103064084122113099119&EXT=pdf>

Santos, Tânia Rita Silva dos. 2011. *A comunidade chinesa em Portugal: factores de risco, factores protectores e rede social*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa. Consultado em 06/12/2018.

Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5037>

Schultz, Duane P., e Sydney Ellen Schultz. 2009. *Theories of Personality*, 9.^a ed. California: Wadsworth Publishing.

Soares, Manuela Goucha. 2013. “Português é a língua da moda e do emprego na China”. *Expresso*, 30 de outubro, 2013. Consultado a 26 maio de 2018. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/cultura/portugues-e-a-lingua-da-moda-e-do-emprego-na-china=f838497#gs.hdWL9Xc>

Spaun, Hege. 2007. *Reconstructing social networks: the importance of friends and family in the acculturation of unaccompanied minors*. Dissertação de Mestrado. University of Oslo. Consultado a 3 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/18302/Masterxthesis_HegexSpaun.pdf?sequence=2&isAllowed=y

Tylor, Edward Burnett. 1871. *Primitive culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. Vol. 1. London: John Murray.

Van Vianen Annelies E.M., Irene E. De Pater, Amy. L. Kristof-Brown e Erin. C. Johnson. 2004. “Fitting in: Surface-and deep-level cultural differences and expatriates’ adjustment.” *Academy of Management Journal* 47(5): 697-709. Consultado a 3 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Annelies_Van_Vianen/publication/234021995_Fitting_in_Surface_and_Deep_Level_Cultural_Differences_and_Expatriates'_Adjustment/links/0deec537818f301a7d000000.pdf

Wong, Bernard, Eds. 2015. “Chinatown (San Francisco).” *Asian American History and Culture: An Encyclopedia: An Encyclopedia*, editado por Huping Ling, Allan W. Austin 147-151. Routledge.

Yang, Eun Mi. 2011. *A geração 1.5 dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Consultado a 3 de

dezembro de 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-083935/pt-br.php>

Yu, Weihua, e Shu Wang. 2011. “An Investigation into the Acculturation Strategies of Chinese Students in Germany.” *Intercultural Communication Studies*, 20(2). Consultado a 3 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://web.uri.edu/iaics/files/15WeihuaYuShuWang.pdf>

Yu, Yijing. 2016. *A Imigração Chinesa em Portugal e a sua Integração Linguística e Cultural na Sociedade Portuguesa*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa. Consultado a 3 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/26019%20>.

Zhang, Limin. 1998. “Breve Apresentação sobre Vagas Migratórias de Chuang Guandong.” Vol.2 In *China Academic Journal Electronic Publishing House*. Consultado a 22 de dezembro de 2018. Disponível em: <http://www.cnki.com.cn/Article/CJFDTotal-ZSJY199802006.htm> 张利民, 1998, “闯关东移民潮简析.” *中国经济研究史*第二期。查询日期 2018 年 12 月 22 日.网址

Anexo I:

Questionário de Identidade Cultural da Geração 1.5 dos Imigrantes Chineses

Olá! Para elaborar a dissertação do mestrado “Identidade Cultural e Estratégias de Aculturação dos Imigrantes Chineses da Geração 1.5”, organizei este questionário para conhecer a situação de identidade cultural e as estratégias de aculturação dos imigrantes chineses em Portugal. O questionário é respondido de forma anónima, a sua opinião é muito importante. Agradeço a sua ajuda e cooperação!

I. 个人信息

1. Sexo 性别: Masculino 男 _____ Feminino 女 _____

2. Idade Atual 现年龄: _____

A. ≤ 15 不超过 15 岁

B. 16-20 anos 16-20 岁

C. 21-25 anos 21-25 岁

D. ≥ 26 anos 26 岁以上

3. Onde fica a sua terra natal? 您的家乡是

A. Zhejiang 浙江

B. Fujian 福建

C. Guangdong 广东

D. Shandong 山东

E. O Nordeste 东北

F. Outros 其他

4. Há quanto tempo vive em Portugal? 你在葡萄牙的居住时间是

A. ≤ 5 anos 不超过 5 年

B. 6-10 anos 6-10 年

C. 11-15 anos 11-15 年

D. ≥ 16 anos 大于等于 16 年

5. A que nível conhece a história, a cultura, as tradições e os costumes da China? 对于中国文化历史、传统节日、习俗的了解程度是

A. Conheço um pouco 了解一些

B. Quase não conheço 基本不了解

C. Conheço muito bem 非常了解

6. Vai namorar ou casar um(a) português(a)? 你愿意和葡萄牙人恋爱结婚吗

A. Nunca pensei nisto 没想过

B. Impossível de aceitar 很介意，绝无可能

C. É possível aceitar um namoro 恋爱可以，不会结婚

D. Não me importo, aceito tanto namoro como o casamento 不介意，有合适对象会考虑结婚

E. Não me importo, mas se os pais não aceitam, não vou casar com o/a português/a 不介意，但是如果父母不同意，我也不会找葡萄牙人

7. Qual é a sua profissão? 您现在从事的是

Estudante 学生

Empregado de empresa portuguesa 葡萄牙公司员工

Empregado de empresa chinesa 华人公司员工

Proprietário 个体业主

Não tenho trabalho fixo 无固定工作

Outros 其他_____

8. Prefere ler notícias, ver novelas e filmes em português ou chinês? 在您常看的新闻、小说、影视剧中，中文和葡语哪个占得比例更高？

Chinês 中文

Português 葡语

Outros 其他 _____

9. Quando chegou à Portugal 你什么时候到葡萄牙的？

Cheguei a Portugal entre 13-17 anos 13-17 岁期间

Cheguei a Portugal entre 6-12 anos 6-12 岁期间

Cheguei a Portugal antes dos 6 anos 6 岁以前

10. Qual é o seu nível escolar? 你的学历

Ensino básico 初中及以下

Ensino secundário 高中

Ensino superior 高等教育

Pós-graduação ou superior 研究生及以上

11. Qual é o seu nível da língua portuguesa? 您的葡萄牙语的水平是

A. Utilizador experiente (fluyente estruturado) C2 如同当地人

B. Utilizador experiente (fluyente eficaz) C1 应用自如

C. Utilizador independente B2 独立使用者

D. Utilizador intermédio B1 中级使用者

E. Utilizador elementar A1-A2 基本的交流

F. Não sei português A0 完全不会

12. Na interação com amigos, família, colegas, qual é a frequência de usar português?
在和家人、朋友、同事、同学的交往中，使用葡语的比例是？

-5 ———|———|———|———|———|———|———|———|———|———| 5

13. Que papel a escola desempenha na sua integração na sociedade portuguesa? 学校
对你融入葡国社会起到的作用是？“0” significa não tem influência, “5” significa o máximo
da influência positiva e “-5” significa o máximo da influência negativa (0 以上是正面影响；
5 程度随数值增大递增；-5 为最大值)

-5 ———|———|———|———|———|———|———|———|———|———| 5

“-5” significa tem uma influência muito negativa, afastando-me da sociedade portuguesa; “-5” 代表有负面影响，使我远离葡国社会

0 没影响 (Não tem influência)

“5” significa tem uma influência muito positiva, ajudando-me a integrar na sociedade portuguesa; “5” 代表有非常积极的影响，对我融入葡国社会起到了很大的推动左右

14. A que nível conhece a história e cultura, as tradições e os costumes de Portugal? 对于葡萄牙文化历史的了解程度是

A. Quase não conheço 基本不了解

B. Conheço um pouco 了解一些

C. Conheço muito bem 非常了解

15. Qual é a atitude dos seus pais em relação à educação da língua e cultura chinesa? 父母对于中国语言文化教育的态度是

A. Indiferente, acham que não é necessário aprender a língua e cultura chinesa 不重视，甚至认为没必要学习中国语言文化

B. Indiferente, os filhos podem estudar ou não, não é preciso ensiná-los de propósito 无所谓，可学可不学，没必要刻意培养

C. Dão alguma importância, lembram sempre os filhos de que têm raiz chinesa e até levam os filhos para a escola de língua chinesa 比较重视，会提醒自己是中國根，甚至送

孩子去中文学校就读

D. Dão muita importância, até exigem falar chinês em casa e ler poesia chinesa desde criança 非常重视，甚至要求在家必须讲中文、从小要求背诵古诗词

16. Além da China e Portugal, viveu alguma vez noutro(s) país(es) mais de seis meses? Caso afirmativo, qual a influência que esta experiência tem na sua identidade cultural? 除了中国和葡萄牙，你曾在其他国家或地区生活时间累积超过 6 个月吗？如果有，这样的异国生活经历对你的文化认同观产生了什么影响？

A. Não tenho essa experiência. 我没有这种经历

B. Tenho essa experiência, mas não tem influência na minha identidade cultural 有这样的经历，但它没有对我的文化认同观产生影响

C. Tenho essa experiência, através da qual percebo que a cultura é diversificada, por isso, mantenho uma mente aberta, e aprendo a aceitar e respeitar outras culturas 有这样的经历，它让我认识到了文化是多元的，我因此兼容并包，觉得各个文化都有可取之处，会接受甚至学习其他文化

D. Tenho essa experiência, mas não gosto doutras culturas e identifico-me mais com a identidade cultural chinesa 有这样的经历，但我并不喜欢其他文化，反而更认同中国文化

17. Acha que assume culturalmente mais a identidade chinesa ou a portuguesa? 从文化上来讲，觉得自己更像个中国人还是葡萄牙人？

A. Mais chinesa 更偏向中国文化认同

B. Nunca pensei nisso. 没想过

C. Não sei qual é a minha identidade cultural 我不知道

D. Mais portuguesa 更偏向葡萄牙文化认同

18. Qual é a sua atitude em relação à cultura chinesa e portuguesa? 你对中国文化和葡萄牙文化的态度是

A. Assimilação: Reconheço a cultura chinesa, mas prefiro abandonar a cultura chinesa e integrar-me na cultura portuguesa. 被葡萄牙文化同化

B. Integração: Acho muito importante a cultura chinesa, mas gosto de lidar com os outros grupos, aprender e conhecer a cultura deles 融合，既接受葡文化，又保留中国文化

C. Separação: Acho muito importante a cultura chinesa, e prefiro isolar-me nessa cultura, e espero evitar o contato com os portugueses 分离，倾向多和华人来往，避免和葡人接触

D. Marginalização: Não conheço bem nenhuma das culturas. Por isso, acho que não pertencço a comunidade chinesa, nem à sociedade portuguesa. 边缘，我觉得自己不属于任何一方

19. Com quem se relaciona mais? 你的交往对象主要是：

A. Amigos chineses 中国朋友

B. Amigos portugueses 葡萄牙朋友

C. Amigos de vários grupos culturais 各个文化群体的朋友都有

D. Não me relaciono com as pessoas 平时不太和人来往

20. O que é mais difícil de se adaptar no processo de aculturação? 在社会适应过程中, 哪些方面适应过程最为吃力

A. Diferenças de comida 饮食习惯

B. Diferenças de hábitos e costumes 地方风俗

C. Diferenças de valores e de ações dos povos 文化价值观、行为方式差异

D. Outros 其他 _____

21. Quando sente dificuldades e precisa de ajuda, o que faz? 当你遇到困难和问题需要帮助时, 会

A. Tentar resolver por si próprio 自己想办法

B. Pedir ajuda aos familiares e aos amigos que estão na China 找在中国的亲戚朋友

C. Pedir ajuda aos amigos chineses em Portugal 找在葡萄牙认识的华人朋友

D. Pedir ajuda aos amigos, colegas, professores portugueses ou ao governo 找葡萄牙当地的朋友、老师、同学、政府或有关机构

E. Outros 其他

22. Para si, qual é a atitude dos portugueses em relação aos imigrantes chineses? 你认为葡萄牙人对于中国移民的态度是

A. São simpáticos, e tolerantes 乐意和中国人交往，很友善

B. São educados mas é difícil fazer amizade íntima com eles devido às diferenças culturais 礼貌但是有距离感

C. São preconceituosos 对中国人有偏见

D. Outros 其他

23. Alguma vez foi alvo de discriminação? 你在生活中是否遭遇到歧视

A. Sim, devido à raça, barreira linguística, etc.有, 如种族、语言等

B. Não, são bastantes tolerantes e simpáticos 没有, 当地人很友好

C. Não sei, uma vez que é difícil de definir atos de discriminação 说不清

24. Pretende voltar para a China no futuro? 你之后有回中国发展的打算吗

A. Não, vou instalar-me em Portugal 完全没有，我会定居葡萄牙

B. Provavelmente 有可能

C. Volto certamente para a China 一定会回中国发展

D. Se calhar, vou para outros países 可能去其他国家发展

E. Outro 其他

Anexo II:

Entrevista a Aixi Ji:

Data: 15h00, 03 de Março de 2018

Local: na casa dela

Aixi Ji imigrou para Lisboa da província Shandong em 1982, e já mora em Portugal há mais de 30 anos. Conhece muito bem a evolução histórica dos imigrantes chineses em Portugal bem como da comunidade chinesa.

Pergunta:

Boa tarde, Aixi, estou a coletar as informações para elaborar a minha dissertação de mestrado, gostaria que você contasse o que sabe sobre a história de migração (por exemplo, processo emigratório e imigratório) dos imigrantes chineses em Portugal.

Resposta:

Aixi Ji: Bom, sou de Shandong. Divorciei-me no início da década de 80, para mudar a vida e ganhar mais dinheiro, decidi ir ao estrangeiro trabalhar. Naquela época, não sabia nada sobre os países estrangeiros nem saber falar nenhuma língua estrangeira. Foi um conterrâneo que me recomendou Portugal e cá vim.

Cheguei a Lisboa em 1982. Pelo que eu sei, os primeiros imigrantes chineses sofreram muito para que pudessem se instalar em Portugal. Naquela época não era possível pedir o visto legal para entrarem no território, portanto, os imigrantes da China continental optaram por entrar ilegalmente na Europa durante as décadas de 1980 e de 1990. Para isso, precisavam de pagar cerca de 150 000 yuan (cerca de 20 000 euros) aos ‘snakeheads’, enquanto o salário anual daquela época era de 2 400 yuan (cerca de 300 euros). Normalmente, só podiam sair de

barco depois de terem pagado o sinal. A viagem era difícil e perigosa, e demorava em média dois a três meses. Após a chegada, trabalhavam em fábricas ou em restaurantes locais todos os dias e ganhavam pouco. Sendo imigrantes ilegais, não se atreviam a sair. Se a polícia aparecesse, esgueiravam-se pela porta traseira. Embora tivessem saudades da família, só podiam contatar por telefone ou por carta, mas não podiam voltar, já que seria muito difícil entrar na Europa. A esposa e os pais dos imigrantes ficavam na China a cuidar dos filhos. Após anos de residência ilegal, muitos deles conseguiram, felizmente, o título de residência devido à amnistia do governo. Depois de ter acumulado a primeira riqueza, eram capazes de fazer o próprio negócio: alguns optaram por abrir uma loja de comércio, enquanto outros optaram por abrir um restaurante chinês. O que quer que fizessem, a maioria deles conseguia grande sucesso porque trabalhavam arduamente e sem parar e acabavam por ganhar muito dinheiro. Depois de se terem instalado, começaram a trazer os filhos para cá, que nesse momento já eram crescidos. (Tradução minha)